SINOP

23 24 25 OUT | 2025

MEMÓRIAS DO AMANHÃ

O FUTURO SE FAZ EM LUTA

FESTIVAL POPULAR DE COMUNICAÇÃO, CLIMA E CULTURA

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS
Brasil
ÁGUA E ENERGIA NÃO SÃO MERCADORIAS

a proteja



aproteja.org

aProteja é uma instituição que atua há mais de 10 anos na linha de frente do fortalecimento das lutas populares por terra, território, justiça climática, culturas e modos de vida. Desde 2015, desenvolvemos estratégias integradas de comunicação popular, gestão organizacional e articulação em rede, sempre a partir da escuta e do compromisso com os territórios e movimentos com os quais caminhamos.

Mab/MT

O **Movimento dos Atingidos por Barragens** em Mato Grosso organiza a mobilização de famílias atingidas por hidrelétricas e outros empreendimentos de energia, no estado. Luta por direitos, reparação e justiça social, enfrentando violações socioambientais. Mobiliza comunidades, promove a formação de lideranças e defende uma transição energética popular que coloque a vida acima do lucro.

Indíce

Introdução 4

O nome, lema, princípios e objetivo 6

Organizadores 7

Organizações participantes 8

Manifesto 9

Festival em números 12

Programação 13

Dia 1 | 23 de outubro - COMUNICAÇÃO POPULAR EM MOVIMENTO 15

Dia 2 | 24 de outubro - AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE PELO CLIMA 29

Dia 3 | 25 de outubro - CULTURA COMO RESPOSTA À CRISE CLIMÁTICA 48

Conclusão 66

Introdução



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

O futuro é uma semente que se planta no presente, com as mãos da luta e solidariedade. Não precisa ser uma promessa distante. O Festival **"O Futuro Se Faz em Luta"** emergiu em outubro de 2025 no coração da Amazônia Mato-grossense como um ato político de resistência. Um chamado urgente para reunir as forças que, nos territórios, insistem em construir um amanhã possível frente à destruição do capitalismo com o agronegócio, as hidrelétricas, os grandes projetos de infraestrutura e do agravamento da crise climática.

Sinop, um município que é epicentro dessa disputa, se transformou no palco fundamental dessa disputa de sociedade. Aqui, onde a fumaça das queimadas e do veneno sufocam e o lago da UHE Sinop escancara cicatrizes de um desenvolvimento que exclui, a mobilização popular se ergueu como ato de esperança. O festival foi a materialização desse contra-ataque, uma **trincheira de comunicação, cultura e justiça climática** que recusou a lógica mercantil que transforma vida e floresta em commodities/produtos.

Durante três dias intensos, de 23 a 25 de outubro de 2025, comunicadores populares, artistas, indígenas, agricultores familiares, atingidos por barragens, pesquisadores e juventudes se encontraram. Foi um espaço para denunciar as violências de um modelo predatório e, ao mesmo tempo, anunciar e celebrar as práticas que sustentam a vida. Seguindo o lema da Proteja, que serviu de inspiração para o nome do festival, reafirmamos que o futuro nasce todo dia, enraizada na organização, no cuidado e na rebeldia.

Esta publicação é o registro desse processo. Nossa 'Memória do Amanhã'. Compartilhamos neste espaço, a energia, as vozes e os saberes que germinaram nesse encontro. É a crônica de uma **muvuca de sementes**, de ideias, de lutas e de afetos, que foi lançada no chão fértil do coletivo, determinada a florescer em novos caminhos. É a prova de que, quando nos unimos, o futuro deixa de ser uma incerteza e se torna uma obra a ser cultivada, juntos.

Ao longo de 3 dias de programação, o Festival O Futuro se Faz em Luta reuniu processos de formação, visitas a territórios atingidos e uma grande intervenção cultural na cidade. Nos dois primeiros dias, voltados à comunicação popular e à crise climática, foram **75 participações diretas em atividades de formação**. No terceiro dia, dedicado à cultura como resposta à crise climática, o festival contou com **14 expositores** na feira de economia solidária, **10 apresentações artísticas** e a circulação de cerca de **800 pessoas** ao longo da tarde e da noite de atividades . Ao todo, **23 organizações** estiveram envolvidas na realização, mobilização, participação e apoio ao festival, evidenciando um campo amplo de articulação entre movimentos, coletivos, associações, cooperativas e iniciativas culturais.

Fique à vontade para vasculhar nossas memórias e te esperamos na próxima edição!

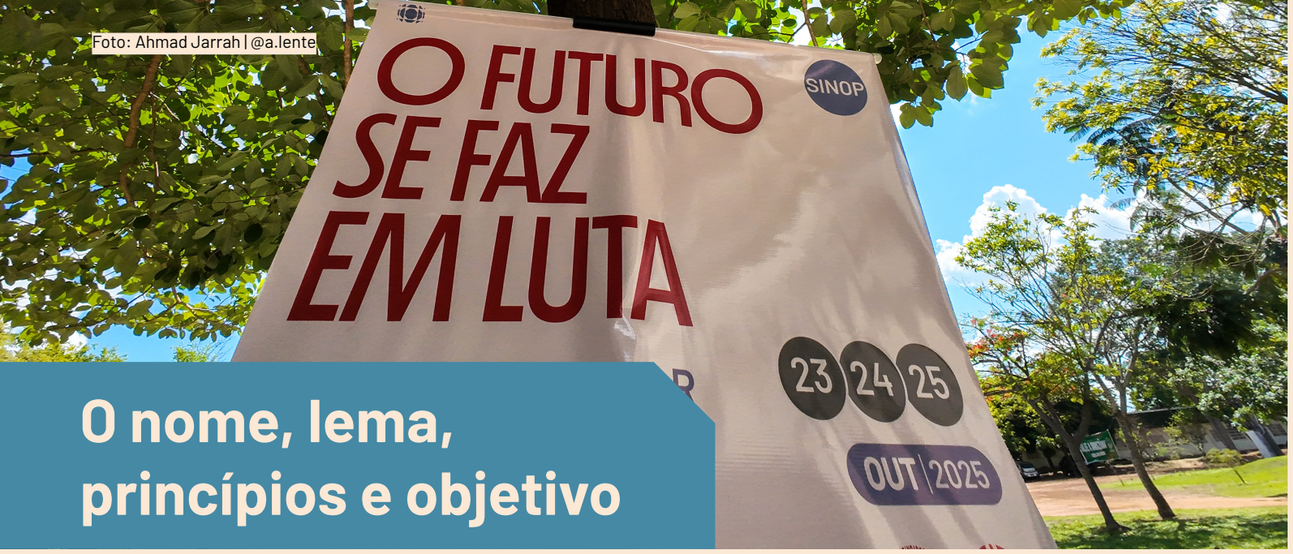


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

O nome, lema, princípios e objetivo

O Nome e o Lema

"O Futuro Se Faz em Luta" é uma visão política. Este lema, que também dá nome ao festival, orienta a atuação da Proteja e ecoa como um chamado para todos os territórios. Ele carrega uma dupla afirmação. Primeiro, que o futuro é uma prática concreta, construída no agora através da organização solidária, da comunicação popular, da cultura mobilizadora e da defesa dos territórios. Segundo, que a luta é uma forma de cuidado ativo, um ato contínuo de proteger quem sustenta a vida, ampliar direitos e garantir que as decisões passem por quem vive e sente os impactos no chão.

Princípios que nos Guiaram

O festival foi construído sobre alicerces éticos e políticos nítidos, que orientaram cada ação e encontro:

- **Conexão territorial:** Fortalecer as mobilizações sociais que cultivam vida nos territórios
- **Comunicação como ecossistema de luta:** Afirmar que a comunicação popular é uma força que move processos e cria sentidos da luta, indo além de um papel de ferramenta.
- **Cultura como Ato de Resistência:** Afirmar a cultura e as artes como métodos essenciais de denúncia, memória, celebração e cura.
- **Construção Coletiva:** Fazer do encontro um espaço de formação política, articulação de redes e fortalecimento de afetos, onde a união é a força maior.

Objetivos que nos Movem

Para transformar esses princípios em ação, o festival se propôs a:

- Denunciar as violências do modelo de desenvolvimento predatório, do agronegócio e dos grandes empreendimentos que violam direitos e territórios.
- Afirmar e visibilizar as práticas e os saberes que mantêm a vida em movimento, da agroecologia à economia solidária, das culturas ancestrais às alternativas energéticas populares.
- Conectar redes e fortalecer alianças entre movimentos, comunidades e organizações para ampliar o raio de ação e a potência da mobilização social.
- Mobilizar comunicadores populares, entendendo a comunicação como eixo estratégico para a disputa de projetos de sociedade.

Organizadores

O Festival "O Futuro Se Faz em Luta" foi uma realização conjunta do **Movimento dos Atingidos por Barragens de Mato Grosso (MAB-MT)** e da **Proteja**. Esta foi uma convergência estratégica de mais de 10 anos de trajetórias conjuntas e saberes que se complementam para dar vida ao encontro.

O **MAB-MT** trouxe para o centro do debate a luta concreta das comunidades impactadas pelo modelo energético brasileiro. Com mais de uma década de atuação na região, o movimento incorporou a potência da organização popular de base, pautando a defesa dos direitos dos atingidos, a crítica ao modelo predatório de hidrelétricas e a urgência de uma transição energética verdadeiramente justa e popular.

A **Proteja** aportou ao festival sua trajetória de mais de uma década na linha de frente do fortalecimento das lutas populares por terra, território, justiça climática, culturas e modos de vida. Desde 2015, a instituição desenvolve estratégias integradas de comunicação popular, gestão organizacional e articulação em rede, sempre a partir da escuta e de um compromisso ético com os territórios. Sua prática é orientada por relações de confiança, não hierárquicas, construídas na convivência cotidiana e no trabalho de base, o que foi fundamental para traduzir as complexas lutas locais em uma narrativa mobilizadora e acessível, tecendo as alianças que deram corpo ao festival.

A união dessas duas forças criou um alicerce sólido. No entanto, a compreensão de que "nada se constrói sozinho" foi um princípio orientador desde o início. Para garantir que o festival fosse um verdadeiro espelho das forças vivas do território, foi criada uma **Comissão de Mobilização Política**. Esta instância foi fundamental para articular a participação estratégica e massiva de uma diversidade de movimentos, coletivos, lideranças e organizações, assegurando que o festival fosse, de fato, uma construção coletiva e enraizada.

Organizações participantes

O Festival "O Futuro Se Faz em Luta" só pôde florescer porque foi alimentado por uma vasta e diversa rede de alianças. A construção coletiva foi o princípio vital do encontro, materializada na participação estratégica de dezenas de grupos que representam a força social da Amazônia Mato-grossense e além. Abaixo, as organizações que integraram esta confluência de forças:

Movimentos Sociais e Entidades

- Movimento dos Atingidos por Barragens de Rondônia (MAB/RO)
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Mato Grosso (MST/MT)

Comunidades e Assentamentos

- Famílias da Comunidade Nossa Senhora da Salete do Assentamento Gleba Mercedes V
- Famílias do Reassentamento Beckhauser
- Famílias assentadas no Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) 12 de Outubro
- Comunidade de Pedreira e Palmital (Juara)

Povos Indígenas da região noroeste de Mato Grosso

- Povo Apiaká
- Povo Kayabi
- Povo Munduruku

Organizações da Sociedade Civil e Redes

- Operação Amazônia Nativa (OPAN)
- Fórum Mato-grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento (FORMAD)
- Instituto Ouro Verde (IOV)
- Rede Juruena Vivo
- A Lente (Coletivo de Comunicação)

Cooperativas e Economia Solidária

- Cooperativa dos Produtores Agropecuários da Região Norte do Mato Grosso (COOPERVIA/MT)
- Cooperativa de Agricultura Familiar de Sinop (COOPERAFS)
- Sistema de Canteiros de Comercialização Solidária (CANTASOL)
- Rede Sementes Portal da Amazônia

Instituições de Ensino, Pesquisa e Cultura

- Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso (ADUFMAT)
- Teatro Experimental de Alta Floresta (TEAF)

Esta lista demonstra a potência do arquipélago de resistências que se formou. Cada organização, com sua luta específica, trouxe um fio para a teia que, unida, sustenta a defesa da vida, dos territórios e do futuro. Além desses grupos diretamente envolvidos, participaram ainda outras organizações ao longo das atividades desenvolvidas no festival totalizando a participação de 23 grupos.

Manifesto


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Nossa muvuca de sementes que cultivam futuros

Manifesto do Festival ‘O Futuro se Faz em Luta’

Viemos porque o presente exige. Porque há algo dentro de nós que não aceita à destruição. Viemos de onde a vida insiste em resistir, mesmo quando tudo parece ruína. Somos povos, comunidades, movimentos e vozes diversas que buscam alianças para fortalecer as ações de hoje e trilhar, com coragem, os caminhos do amanhã.

Aqui, o tempo não é neutro. O território está em disputa, e o futuro também. Por isso, escolhemos estar juntos. Organizar é o contrário de desistir... é plantar agora o amanhã que queremos viver. Sinop é também o centro de um chamado. Não é apenas o território da expressão mais agressiva do agronegócio. Aqui é ponto de encontro entre floresta e cidade, entre quem resiste e quem sonha.

Estamos erguendo pontes vivas sobre lagos que tentaram afogar memórias com a construção de hidrelétricas. Propomos corredores de resistência, onde cada passo se torna travessia entre o medo e a esperança, entre o que ainda existe e o que precisa nascer.

Aprendemos com a muvuca: as sementes não competem, convivem para buscar equilíbrio na diversidade. As sementes ligeiras, que crescem mais rápido, fazem sombra, e as profundas criam raízes. Assim queremos nossas práticas: diversas, solidárias e persistentes. Mesmo com o alagamento que tenta submergir territórios e sonhos, seguimos semeando nas margens.

Onde disseram fim, respondemos com recomeço. O festival nasce dessa escolha coletiva de fazer do encontro um canteiro vivo, onde a comunicação, a cultura e a luta climática se entrelaçam como práticas inseparáveis de transformação.

Aqui, comunicação é roda, é escuta, é palavra viva. Cultura é denúncia, memória e reinvenção. Clima é vida concreta, não discurso de salão. Enquanto alguns negociam o planeta, nós o defendemos com o que temos: arte, palavra, corpo e presença.

Recusamos a violência, o medo e o lucro acima da vida. Recusamos o colonialismo disfarçado de progresso e as falsas soluções que vendem salvação em créditos e cifras. A causa Palestina nos atravessa como um espelho moral do nosso tempo, lembrando que não há liberdade possível enquanto houver povos sendo cercados, expulsos, silenciados e exterminados.

Diante da brutalidade colonial que destrói vidas e territórios, reafirmamos a centralidade da Terra como condição de existência e a autonomia dos povos como horizonte de justiça. No Brasil, esse compromisso se traduz na urgência das demarcações das Terras Indígenas, da reforma agrária popular, da titulação das terras quilombolas e do respeito aos modos de vida que sustentam a soberania e a dignidade coletiva. Afirmamos poder popular, água livre e energia como bem comum. Queremos cidades que acolham, escolas que libertem, culturas ancestrais vivas, alimentos saudáveis e ecossistemas de pé.

Sabemos que tudo tem seu tempo de brotar, crescer e florescer. No curto prazo, precisamos respirar e trabalhar em mutirão. No médio, fortalecer processos de formação e redes. No longo, aprofundar raízes que sustentem outra economia, outra política e outro modo de viver. A ponte que erguemos hoje será a travessia que sustentará os caminhos de amanhã.

Se perguntarem o que é este festival, diremos que é semente e travessia. É o espaço onde a pluralidade converge e se fortalece, onde cada gesto encontra companhia e onde o comum volta a ser chão fértil.

O futuro não está dado. Ele se constrói com cuidado, coragem e rebeldia, no presente em que nos encontramos para seguir.

Que este manifesto circule como o vento, alcance outros territórios e crie raízes onde disseram que não havia mais chão. Que inspire novas pontes, novos encontros e novas formas de fazer brotar a vida!

O Futuro se Faz em Luta

Festival Popular de Comunicação, Cultura e Clima

Sinop • Mato Grosso • 23, 24 e 25 de outubro de 2025

Assinam:

- A Proteja
- Movimento dos Atingidos por Barragens de Mato Grosso (MAB/MT)
- Movimento dos Atingidos por Barragens de Rondônia (MAB/RO)
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Mato Grosso (MST/MT)
- Famílias do Projeto de Assentamento Wesley Manoel dos Santos ou Gleba Mercedes V
- Famílias do Reassentamento Beckhauser
- Famílias assentadas no Projeto de Desenvolvimento Sustentável 12 de Outubro
- Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso (ADUFMAT)
- A Lente
- Cooperativa dos Produtores Agropecuários da Região Norte do Estado do Mato Grosso (COOPERVIA/MT)
- Sistema de Canteiros de Comercialização Solidária (Cantasol)
- Cooperativa de Agricultura Familiar de Sinop (Cooperafs)
- Famílias das Comunidade de Pedreira e Palmital
- Povos Apiaká, Kayabi e Munduruku
- Rede Juruena Vivo
- Instituto Ouro Verde (IOV)
- Rede Sementes Portal da Amazônia
- Teatro Experimental de Alta Floresta
- Operação Amazônia Nativa (OPAN)
- Fórum Popular Socioambiental de Mato Grosso (FORMAD)



Foto: Daniella Alvarenga

Festival em números

3 dias de programação
integrando formação, visitas a territórios e festival cultural.

875 pessoas
mobilizadas diretamente nas atividades

23 organizações
envolvidas ao longo do festival

14 expositores
na feira de economia solidária

10 apresentações
artísticas na mostra de artes integradas

Programação

A programação do festival foi concebida como uma jornada em três atos, uma travessia que partiu da reflexão interna, passou pela imersão no território impactado e culminou em uma celebração pública da cultura de resistência.



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Dia 1 | 23 de outubro
COMUNICAÇÃO POPULAR EM MOVIMENTO

Local: Auditório da ADUFMAT, Sinop
Formato: Encontro interno de formação e articulação.
42 participantes

O festival iniciou com um dia dedicado a fortalecer as trincheiras da narrativa. Comunicadores populares, militantes e lideranças de diversos territórios mergulharam em um debate profundo sobre o poder da palavra e da imagem na disputa de projetos de sociedade. Através de dinâmicas de apresentação e grupos de debate, os eixos centrais que emergiram foram:

- A comunicação como prática de poder, que anuncia o novo e denuncia as violências.
- A necessidade de uma linguagem horizontal e acessível, que construa "terreno fértil" para as mensagens do campo popular.
- A estratégia de atuação em rede, formando um "arquipélago" de vozes para enfrentar a fragmentação imposta pelos algoritmos das grandes plataformas.
- A arte e a cultura como veículos fundamentais para uma comunicação que atinge a emoção e constrói identidade.

A Chegada e a Acolhida

A manhã do primeiro dia do festival começou com o credenciamento no Auditório da ADUFMAT, em Sinop. Aos poucos, o espaço foi sendo preenchido por comunicadores populares, lideranças, artistas e militantes de diversos cantos do estado e do país.

A Mística de Abertura

Para inaugurar oficialmente o festival, a artista e produtora cultural de Sinop, **Ariel Rocha,** conduziu a mística de abertura. Ela convocou as pessoas presentes a formarem um grande círculo no centro do auditório, onde bandeiras e símbolos de lutas de diversos movimentos sociais estavam dispostos, representando a diversidade de forças presentes.

Com serenidade e firmeza, Ariel iniciou com a seguinte fala:

"O futuro não nasce sozinho.
Ele nasce do chão, da luta, da escuta.
Este espaço não começa com falas de poder, mas com vozes coletivas.
Convidamos vocês a recitarem conosco este texto. Ele é nosso.
Ele é feito de passos, dores, sonhos, decisões e conquistas.
Que a palavra nos conecte.
Vou passar esse paneiro/cesto, cada um pode ir tirando o papel, abrir e ler pra gente em voz alta.
O que estão lendo é nosso manifesto em colchas de retalhos.
Cada palavra importa. Não necessariamente precisa de uma ordem para fazer sentido.
Precisamos de uns aos outros para que elas existam e sejam vivas ao longo dos próximos dias."

Viemos porque o presente exige.
Porque não aceitamos a destruição como destino.
Porque há algo dentro de nós que insiste em dizer:
o futuro se faz em luta.

Viemos de muitos lugares.
Somos florestas, cidades, rios, biomas, redes, periferias.

Somos vozes que se organizam,
corpos que se mobilizam,
vidas que se recusam a ser mercadoria.

Aqui, o tempo não é neutro.
Aqui, o território está em disputa.

Aqui, SINOP, não é apenas o coração do agronegócio,
pulsam outros corações e se plantam outros caminhos.

Um caminho feito de encontros.
De comunicação que forma, articula e defende.
Um caminho onde a cultura pode ser também memória, denúncia e esperança.
De luta que cuida da vida.

Enquanto o mundo negocia o clima nos salões,
nós falamos a partir dos espaços de onde resistimos à violência de cada dia.

Nada está dado.
Por isso nos reunimos.
Por isso abrimos este espaço.
Por isso estamos aqui.

O futuro se faz agora.

Com cuidado, articulação e coragem.

Nossas lutas não começam hoje,
mas hoje nos fortalecemos para o amanhã com a conexão da experiência da nossa caminhada.

O FUTURO SE FAZ EM LUTA!

O Grito que Unifica: Após a leitura coletiva, que ecoou no auditório como um compromisso solene, Ariel puxou um grito entoado em coro pelas pessoas presentes, selando o início dos trabalhos:

O futuro é um horizonte em disputa!
O futuro se faz em luta!
Nada está dado, tudo se constrói!
O futuro se faz em luta!
Seguimos, mesmo diante das ruínas!
O futuro se faz em luta!
O tempo é agora! O território é disputa!
O futuro se faz em luta!
Somos sementes, somos memória!
O futuro se faz em luta!
O futuro é um horizonte em disputa!
O futuro se faz em luta!



Foto: João Carlos | @movimentosemterra



Foto: João Carlos | @movimentosemterra



Foto: Caio Mota | aproteja.org



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: Caio Mota | aproteja.org

As Palavras de Boas-Vindas

Com o ambiente já energizado pelo manifesto coletivo, coube aos representantes das organizações realizadoras dar as boas-vindas formais: **Jefferson, do MAB**, e **Midori, da Proteja**.

Suas falas foram no mesmo tom de reforço à perspectiva de luta que une as pessoas. Eles destacaram que a intenção daquele encontro não era sobrecarregar os movimentos presentes com mais trabalho ou responsabilidades, reconhecendo que esses grupos e pessoas já travam uma batalha intensa e cotidiana em seus territórios. Pelo contrário, a proposta era **reconhecer a potência de luta já existente**, fortalecer as alianças e, acima de tudo, **recarregar as energias uns nos outros**. Era um espaço para se alimentar da força do coletivo, para seguir adiante com renovado fôlego e convicção

Apresentação dos participantes

Foi nesse espírito de acolhimento, reconhecimento e reforço mútuo que o ambiente se preparou para o próximo ato: a dinâmica do barbante. Agora, cada pessoa teria a oportunidade de compartilhar sua história pessoal, sua luta concreta e seu sonho para o futuro, dando início aos debates profundos que marcariam o dia.

Na dinâmica de apresentação, cada participante, ao segurar o fio, compartilhou seu nome, sua luta e **uma coisa que não queriam para o futuro**. Esse gesto simples teceu, desde o início, um painel comovente e potente das angústias e dos sonhos coletivos, revelando um diagnóstico compartilhado dos males a serem erradicados:

Veja as falas aqui: Dinamica sobre o Futuro.MOV | Dinamica sobre o Futuro_Antony.MOV



Foto: Caio Mota | aproteja.org



Foto: Daniella Alvarenga



Jefferson, MAB
O que não quero para o futuro são alimentos com agrotóxicos que provocam câncer e matam nossa gente.



Caio, Proteja
Não quero uma visão de desenvolvimento baseada na ganância que não respeita a vida. Precisamos construir uma outra sociedade, capaz de mudar nossa maneira de ver e agir.



Ahmad, A Lente
O que deve ser eliminado do mundo é o colonialismo, o supremacismo e o capitalismo predatório, responsáveis por genocídios e opressão contra povos originários e minorias.



João, MST
Sou sem terra e agroecólogo. O que não quero no futuro é a exploração de seres humanos por outros seres humanos.



Vytoria, MST
Não quero nenhuma forma de violência — contra pessoas, animais ou a natureza. Quero um futuro com justiça, igualdade e respeito entre as pessoas.



Marciano, MST
O capitalismo é causador de 99% dos males da sociedade. Não quero esse modelo de sociedade no futuro.



Renato, MAB/IOV
Não quero que as pessoas sejam expulsas de seus territórios, dos lugares onde construímos nossas relações sociais.



Zé, parceiro do MAB
Quero um futuro com menos desigualdade e mais oportunidades.



Cristian, OPAN
Eliminaria o trabalho como está organizado no capitalismo, que mata e não nos deixa viver.



Marcio, MAB
Quero mais respeito pelos pequenos e, no futuro, alimento 100% agroecológico.



Laercio, MAB
Não quero esse meio de produção predatório que desvaloriza a vida humana e o meio ambiente, nem a desvalorização dos conhecimentos dos povos originários.



Dellius, Proteja
Não quero bilionários e iniciativas de ódio da extrema direita no futuro. Que todas as pessoas possam ser livres.



Ney, PT/Sinop
Não quero a continuação do desmatamento. Quero produzir sem desmatar.



Dani, professora e comunicadora
Quero que minha profissão seja mais valorizada no futuro.



Bruna, FORMAD
Como jornalista, não quero o poder do agronegócio na comunicação. Quero que nossas pautas cheguem para além da bolha.



Herman, FORMAD
Não quero o medo no futuro, que impede as pessoas de denunciar injustiças.



Ocelio, MAB
Não quero famílias sem terra, territórios não demarcados. Que todas as pessoas sejam livres em seus territórios.



Klesi, MAB
Não quero a comunicação como é hoje, que só gera lucro. Que ela retorne ao seu papel social de emancipação do povo.



Bia, estudante
Não quero pessoas individualistas que só pensam nelas mesmas.



Eliane, liderança indígena
Não quero a destruição dos nossos territórios indígenas.



Lorena, UFMT
Sou professora na UFMT. Quero o fim do apagamento da memória dos povos, pois sem memória não sabemos lutar.



José, cacique
Não quero o desmatamento.



Diego, TI Kayabi:
Não quero mais usinas nos nossos rios, porque água é vida.



Edison, UFMT:
Sou professor. Que não existisse piso social e que ninguém estivesse abaixo.



Josemar, liderança Apiaká
Não queria desigualdade.



Emilly, MAB
Não quero individualismo nem rios poluídos. Quero um rio saudável para tomar banho.



Ariel, artista
Não quero desinformação em massa. Quero que a saúde coletiva seja compreendida por todas as pessoas.



Wigeeshao, artista
Quero união, paz e liberdade para nosso povo.



Midori, Proteja
Não quero o monopólio de terra, de ideias, de modos de vida — o grande latifúndio cultural e mental.



Silvio, MAB
Não quero a exploração dos povos. Quero empreendimentos que respeitem as pessoas.



Antony, comunicador
Não quero a continuidade da exploração animal.

O Fio que Une: Ao final da roda, o barbante estava completamente entrelaçado, formando uma complexa e forte rede entre as pessoas presentes. Jefferson, conduzindo a dinâmica, concluiu: *"Camaradas, ouvindo vocês, notei o quanto temos de comum. Peço pra que a gente dê um nó no cordão e que esse nó simbolize o nosso compromisso com o futuro que está em construção. O futuro se faz em luta."* Este foi o ponto de partida: o reconhecimento da luta comum contra o agronegócio, o colonialismo, o capitalismo predatório e a destruição socioambiental.

A Dinâmica do Formigueiro e Novas Chegadas: Imediatamente após as apresentações pessoais, **Jefferson** propôs uma nova dinâmica para energizar o coletivo: a dinâmica da formiga e do formigueiro. Todos, de mãos dadas em um grande círculo, começaram a girar cantando em uníssono: *"Pisa ligeiro, pisa ligeiro, que não pode com a formiga não assanha o formigueiro."*



Foto: Caio Mota | aproteja.org

Com o espírito de grupo ainda mais aquecido, o espaço se abriu para acolher participantes que haviam chegado um pouco mais tarde. Foram recebidos com aplausos os integrantes do **Teatro Experimental de Alta Floresta (TEAF)**.

Caio, da Proteja, retomou a palavra para apresentar a dinâmica geral dos trabalhos que viriam a seguir e, em seguida, concedeu a palavra ao TEAF para que se apresentassem.

- **Angelica**, com uma longa trajetória no grupo, falou com orgulho: "Sou parte do TEAF há 23 anos, é um grupo teatral de Alta Floresta com 23 anos de atividades ininterruptas. Sou mãe da Ana, que dá bom dia e é a menor integrante do TEAF".
- **Ronaldo** e **Mequiel** também se apresentaram brevemente, este último se identificando como jornalista e assessor de comunicação que desempenha diversas funções no território.



Foto: Caio Mota | aproteja.org

O Intervalo e o Sustento da Economia Local

Após esse momento de acolhida e integração, foi realizado um breve intervalo para o lanche. Este momento de descontração e alimentação foi, ele mesmo, um ato político. O cafe foi organizado pela iniciativa **Encanto Colonial**, um empreendimento capitaneado por mulheres que tem como objetivo fornecer alimentação para eventos, com todos os itens – bolos, pães, geleias, manteigas, doces e muito mais – originários diretamente da agricultura familiar e da produção artesanal de mulheres. Era o sustento concreto vindo de outra economia, possível e já em prática.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

O Início dos Trabalhos: O Vídeo-Provocação e a Rota do Debate

Após o intervalo, o grupo se reuniu novamente no auditório para o início oficial dos trabalhos. A primeira atividade foi a exibição de um vídeo provocador, produzido pela Proteja, concebido para fomentar reflexões profundas que seriam o combustível para os debates em grupo.

Assista o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=xiXJXEIU6b8



Foto: Caio Mota | aproteja.org

O vídeo conduziu os participantes por uma jornada reflexiva sobre a natureza da comunicação como força criadora de mundos. Ele argumentava que a realidade não é um dado fixo, mas uma construção nascida da percepção, dos sentimentos e das crenças:

um **imaginário coletivo** que define como entendemos e agimos no mundo. A partir dessa premissa, a narrativa explorou o **poder transformador e político da palavra**, capaz tanto de violentar e ocultar quanto de abraçar, denunciar e curar. A provocação central era a de que quem detém o poder de nomear o mundo controla o que a sociedade sente e acredita ser real.

A comunicação foi apresentada, então, como algo muito maior do que a transmissão de informação: um ato de **criação de vínculo** que é a base da organização e da ação coletiva. Nesse sentido, o verdadeiro engajamento foi definido não por métricas de redes sociais, mas pela **capacidade de sentir junto**, tornando o imaginário individual em uma potência coletiva de futuro. A mensagem final era um chamado à ação: disputar o futuro é, antes de tudo, **disputar o imaginário**, e essa é uma tarefa que só se faz em luta.

A Rota para o Debate Coletivo: Com as mentes alimentadas por essas provocações, **Caio** apresentou o documento de orientação para os grupos de debate. O texto reforçava que aquele era "*um momento de escuta mútua e reflexão coletiva*", onde ninguém precisava responder tudo, mas sim compartilhar a partir da experiência, da prática e da luta de cada um.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

A dinâmica sugerida era simples e profunda: cada pessoa teria a oportunidade de falar uma vez antes da livre reação do grupo, devendo ser escolhidos um facilitador e um anotador. A criatividade era incentivada para a socialização das conclusões, que poderia ser através de fala, cartaz, poesia ou performance.

A **Pergunta Central** que guiaria todas as discussões foi lançada:

"Se a luta é também uma disputa de imaginário: que imagens, palavras e práticas queremos espalhar no mundo?"

Para aprofundar a reflexão, foram oferecidas **Perguntas de Apoio**:

- Que práticas de comunicação popular temos feito que realmente organizam, formam ou fortalecem nossas bases?
- Em quais momentos sentimos que comunicamos com potência? Em quais sentimos que falhamos?
- Que barreiras enfrentamos para fazer comunicação a partir da luta?
- Como garantir que nossa comunicação seja ética, coletiva e comprometida com os territórios?
- Como construir comunicação que fale da gente, mas também com a gente?

A Divisão dos Grupos e a Imersão no Debate: Munidos desse roteiro conceitual e metodológico, os participantes se dividiram em grupos menores. O auditório, então, se transformou em um fervilhante laboratório de ideias, onde as reflexões teóricas do vídeo começaram a ser confrontadas e enriquecidas pelas experiências vividas em cada território, dando início ao cerne do dia de trabalho.



Foto: João Carlos | @movimentosemterra



Foto: Caio Mota | aproteja.org



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Caio Mota | aproteja.org



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Caio Mota | aproteja.org

O Almoço e a Conclusão dos Debates

Após uma manhã de intensas reflexões iniciais, foi realizada uma pausa para o almoço, momento de descanso e descontração. Ao retornar, os grupos tiveram mais uma hora dedicada para concluir seus debates, consolidando as ideias que seriam socializadas com as pessoas presentes.

A Socialização das Reflexões: A Muvuca de Ideias

Cada grupo apresentou suas conclusões, revelando diferentes ângulos e profundidades sobre a comunicação popular.

Grupo 5 sintetizou seu debate em três pilares: uma comunicação **horizontal, acessível e ativa**. Através de um acróstico, destacaram palavras-chave como **coletiva, poder, memória, narrativa, inclusiva, cultural, preparada, emocional e popular**. Anthony reforçou que a comunicação "é poder, tem que dar poder pro território" e deve ser "coletiva, não dá pra fazer individualmente". Lorena e Zé trouxeram a dimensão da emoção e da identidade, enquanto Angelica fechou com um contundente: "A direita tá sabendo muito comunicar, pra questão do eu, e nós como esquerda precisamos saber comunicar melhor para o nós".



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Grupo 4 adotou uma abordagem mais filosófica. Renato partiu da angústia de ter que "falar o óbvio" em um cenário de "inversão de valores" e defendeu a necessidade de se construir um "terreno fértil" para que a mensagem complexa da esquerda possa florescer, algo que a direita contorna com mensagens simples e virais. A resposta, para o grupo, estava no encontro presencial, no "olho no olho", e na contação de histórias. **Marciano** usou a potente metáfora da semente: "A comunicação sem o trabalho de base não vai trazer o resultado que esperamos".



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Grupo 3 mergulhou nas raízes coloniais da comunicação. Herman e Edson discutiram a "colonialidade que está na base" da linguagem acadêmica e tecnológica, que exclui e objetifica. Propuseram uma "pedagogia do diálogo" e alertaram para o risco de a própria comunicação de esquerda se tornar mercadoria. A solução apontada foi a construção de uma "rede integrada e integradora", um "arquipélago" de vozes.



Foto: Caio Mota | aproteja.org

Grupo 2 partiu de um diagnóstico prático. Bruna e Emilly listaram as diversas formas de comunicação já praticadas nos territórios, das assembleias às atividades culturais, e apontaram barreiras como a falta de recursos e a dificuldade de articulação em rede. Apresentaram o conceito de **"gentileza pedagógica"**, a paciência para explicar e compreender o outro, e defenderam a comunicação como ferramenta de luta interseto-rial. Cada organização também compartilhou a mensagem central que deseja espalhar, como a defesa de que "o Agro é pobre" de solidariedade e a afirmação de que "a luta continua" após a construção de barragens.



Foto: Caio Mota | aproteja.org

Grupo 1 elegeu a arte como veículo central. Wigee e Ocelio defenderam que a comunicação deve "anunciar o que a gente quer e denunciar o que não queremos", e que a arte é a forma mais fácil e profunda de se fazer isso, pois permite que cada um entenda à sua maneira.

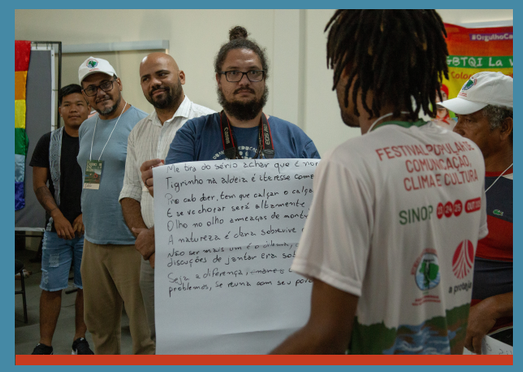


Foto: Vytoria Pachone | MST

Comentários Finais: Aprofundando a Disputa

Após as apresentações, um espaço de comentários aprofundou ainda mais a reflexão. João defendeu a comunicação direta e orgânica, feita "no boteco, na igreja e na escola", que o capital não pode roubar. Edson trouxe o desafio da "estética do desejo" e do algoritmo. Herman refletiu sobre os limites de uma "estética do proletariado" imposta de cima, defendendo uma construção a partir do diálogo com as comunidades. Caio propôs um olhar para dentro, questionando: "como a gente tem falado pra dentro, do nosso campo?, para as nossas 'bolhas'.". Ahmad, por fim, trouxe a gravidade do momento, lembrando o assassinato de jornalistas na Palestina, e reforçou que "a comunicação é essencial, mas ela sozinha não muda a realidade", sendo fundamental a construção de redes.

Novo Intervalo e Sustento

Para encerrar a rodada de apresentações, uma nova pausa para o lanche foi realizada, mais uma vez servido pelo **Encanto Colonial**, reforçando o compromisso com a economia solidária e o trabalho das mulheres.

A Síntese do Dia: Sementes, Terreno e a Crítica das Redes



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

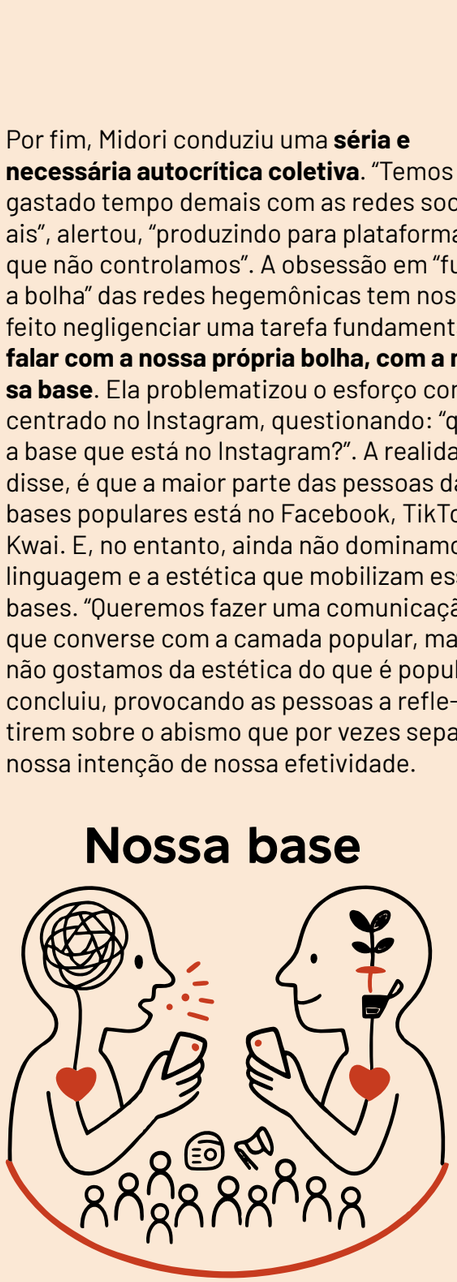
Após o último intervalo, Midori, da Proteja, assumiu o importante papel de sintetizar os debates do dia. Deixando nítido que a intenção não era reduzir a complexidade das reflexões, mas tecer um fio condutor que amarrasse as diferentes compreensões, ela utilizou um desenho esquemático para guiar sua fala.

Em sua explanação, Midori começou representando duas pessoas de frente uma para a outra, cada uma segurando um celular. Esta imagem ilustrava um diagnóstico compartilhado: a maior parte da comunicação contemporânea é mediada por esses aparelhos, e não mais pela conexão direta. No entanto, ela ressaltou que, como todos os grupos trouxeram, a comunicação com **potência verdadeiramente transformadora** vai além do celular. Ela é **potencializada pelo encontro, pelo olho no olho, pela presença e pelo afeto**. Essa comunicação que transforma não nasce nas redes digitais, mas sim **na relação e no encontro**.

Ela então detalhou o processo comunicativo, partindo do **universo particular de cada indivíduo** – representado por um emaranhado de linhas dentro da cabeça de uma das figuras. Este emaranhado simboliza o imaginário interno, repleto de pensamentos, sentimentos e crenças que tentamos expressar para o mundo exterior. A comunicação, assim, foi compreendida em sua totalidade: não apenas verbal, mas todo e qualquer gesto que intermedeia nossa relação com o mundo e com o outro.

No momento da comunicação, **lançamos sementes** do que desejamos ver florescer. E aqui, Midori trouxe uma das reflexões mais importantes do Grupo 4: **não basta lançar a semente, é preciso preparar o terreno**. A nossa comunicação, portanto, deve também "amansar a terra" e "adubar o solo" do outro, criando as condições para que a mensagem possa germinar. No desenho, isso foi representado por uma plantinha crescendo na cabeça da outra pessoa, simbolizando a ideia que frutifica no terreno fértil do diálogo.

Por fim, Midori conduziu uma **séria e necessária autocrítica coletiva**. "Temos gastado tempo demais com as redes sociais", alertou, "produzindo para plataformas que não controlamos". A obsessão em "furar a bolha" das redes hegemônicas tem nos feito negligenciar uma tarefa fundamental: **falar com a nossa própria bolha, com a nossa base**. Ela problematizou o esforço concentrado no Instagram, questionando: "qual a base que está no Instagram?". A realidade, disse, é que a maior parte das pessoas das bases populares está no Facebook, TikTok e Kwai. E, no entanto, ainda não dominamos a linguagem e a estética que mobilizam essas bases. "Queremos fazer uma comunicação que converse com a camada popular, mas não gostamos da estética do que é popular", concluiu, provocando as pessoas a refletirem sobre o abismo que por vezes separa nossa intenção de nossa efetividade.



A Dinâmica Final: A Ponte para o Território

Antes do encerramento definitivo do dia, Jefferson, do MAB, retomou a palavra para organizar logisticamente a continuação do festival. Ele explicou que no dia seguinte, 24 de outubro, a programação seria uma imersão na **Gleba Mercedes**, uma comunidade de assentados da reforma agrária que foi diretamente e duramente impactada pela UHE Sinop. Esse deslocamento tinha um profundo significado: era a oportunidade de **ancorar os debates teóricos sobre comunicação e clima na realidade concreta** de quem vive na pele os efeitos do modelo de desenvolvimento.

Para garantir a participação de todas as pessoas nessa etapa fundamental, Jefferson coordenou a **distribuição das pessoas nos carros** que fariam a logística do transporte. Foi um momento de organização coletiva e prática, onde se combinou horários e pontos de encontro, reforçando o caráter colaborativo e a responsabilidade coletiva com o andamento festival. Essa dinâmica final era o primeiro passo para colocar em prática o princípio do "olho no olho" e do "encontro" que tanto foi defendido ao longo do dia. Era a preparação para levar o coletivo ao chão da luta.

O Encerramento e o Compromisso: Com a logística combinada e os corações e mentes alimentados pelas reflexões do dia, o primeiro dia de trabalho foi oficialmente encerrado. Os participantes saíram não com respostas fechadas, mas com perguntas potentes, um renovado senso de responsabilidade sobre o ato de comunicar e a expectativa de ver, no dia seguinte, a teoria encontrar o chão. O barbante que uniu o grupo no início do dia agora simbolizava também esse compromisso de cultivar um novo imaginário, a partir do território, do encontro e da luta concreta



Foto: Caio Mota | aproteja.org



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Dia 2 | 24 de outubro
AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE PELO CLIMA

Local: Gleba Mercedes V, Sinop
Formato: Encontro interno no território impactado.

O segundo dia foi de escuta profunda e aprendizado direto com a terra e com quem a defende. Na comunidade diretamente impactada pela UHE Sinop, o debate sobre a crise climática ganhou corpo, cheiro e rosto. A programação incluiu:

- **Escuta dos Atingidos:** Lideranças comunitárias relataram com nitidez crua mais de uma década de impactos da hidrelétrica: do cerceamento do acesso à água para produção à precarização da energia, da desvalorização do pequeno produtor ao assédio de grandes empreendimentos.

- **Troca de Saberes:** Em grupos de conversa, indígenas, agricultores, ribeirinhos e urbanos compartilharam as mudanças que veem: o regime de chuvas imprevisível, o calor insuportável, o sumiço de caças e peixes, o aumento de incêndios e a aproximação de animais selvagens por perda de habitat.

- **A Resposta Organizada:** A partilha de experiências, como as do MAB Rondônia, trouxe a dimensão nacional da luta, denunciando os culpados pela crise e apresentando as **Alternativas Populares** construídas pelo movimento, desde a luta por fundos climáticos até a campanha “Plantando Vidas”.

- **Plantio Simbólico e Troca de Sementes:** Um ato concreto de reflorestamento e de afirmação da vida, onde cada muda plantada e cada semente trocada representou um compromisso com o futuro.

- **Visita ao Corredor Ecológico**: Para concluir o dia, os participantes puderam caminhar na beira do reservatório da UHE Sinop e observar a área de alagamento, ainda com as árvores apodrecidas sob a água. No entanto, o principal foi a visita ao Corredor Ecológico, que busca reconectar a floresta e criar pontes no território partido pela usina.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: João Carlos | MST

A Chegada e a Acolhida na Gleba Mercedes

O segundo dia do festival começou com uma jornada rumo ao coração do conflito socioambiental. As pessoas que estavam participando do encontro saíram cedo de Sinop e percorreram mais de 80 km até a **Comunidade Nossa Senhora da Salette**, na Gleba Mercedes. O local do encontro era o galpão comunitário, construído pela própria comunidade ao lado da igreja, um espaço simbólico de resistência e autonomia. Sob um dia ensolarado e com um vento bom, o grupo foi recebido com um café da manhã farto, composto inteiramente por alimentos típicos produzidos ali mesmo, um primeiro gesto concreto da força da agricultura familiar.

A Mística de Abertura: Um Grito de Guerra Coletivo

Para iniciar os trabalhos, uma mística potente foi realizada, estabelecendo o tom de denúncia e determinação que marcaria o dia. Através de um poema-performance, os participantes recitaram em coro versos que ecoavam como um grito de guerra, questionando e afirmando:

"O objetivo deles é muito claro:
Um Brasil cada vez mais dependente,
Sufocado e sem destino.
Um fazendão em chamas,
Afogado nas enchentes,
Enquanto os bolsos deles só se enchem!
E o nosso objetivo, qual é?
Participantes repetem:
— E o nosso objetivo, qual é?

As armas deles estão à mostra:
Mentiras espalhadas por todos os lados,
Nos clubes de tiro da milícia organizada,
Nas redes, nas ruas, nos púlpitos profanados,
No ressentimento de quem perdeu privilégios,
No medo que nos paralisa e aperta o peito!
E as nossas armas, onde estão?
Participantes repetem:
— E as nossas armas, onde estão?

A cara deles é bem conhecida:
São os banqueiros da Faria Lima,
Que privatizam tudo o que construímos.
São os donos das cercas,
Que roubam nossas águas,
Envenenam nosso prato
E matam nossos companheiros!
É o partido fardado, que nos vê como estrangeiros,
É quem cava o coração da terra e deixa só lama pra nos soterrar.
E a nossa cara, qual é?

Participantesrepetem:
— E a nossa cara, qual é?

O plano deles é direto:
Eleger a maioria no Congresso,
Acossar a Justiça,
Criminalizar os movimentos sociais e nossas lideranças,
Perdoar os neofascistas,
E assim mandar no nosso país sem concessão!
Querem consumar o golpe de Estado,

E inaugurar uma nova era de escuridão...
E o nosso plano, qual é?
Participantes repetem 3 vezes:
— E o nosso plano, qual é?
— E o nosso plano, qual é?
— E o nosso plano, qual é?
É tempo de avançar nos direitos do povo e no projeto popular!"


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: João Carlos | MST


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: João Carlos | MST



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: João Carlos | MST

A Fala de Abertura: O Chão da Luta

Silvio, do MAB, fez a abertura formal, agradecendo a presença das pessoas e destacando a importância de levar as pessoas para conhecerem in loco a realidade da Gleba. Ele então passou a palavra para Daniel, um dos líderes comunitários, para a contextualização.

A fala de Daniel foi um relato cru, emocionado e detalhado de mais de uma década de luta e impactos. Ele começou propondo um minuto de silêncio pelas vítimas das guerras e das catástrofes climáticas no mundo, recusando-se a normalizar a violência.



Foto: João Carlos | MST



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Em seguida, mergulhou no cerne da questão:

Os Impactos da UHE Sinop:

- **Destruição do Ecossistema:** "Quando uma usina chega, ela destrói todo o ecossistema. Tira famílias de sua terra. Até o Rio Teles Pires preservado... foi tirado."
- **Invisibilidade do Pequeno Produtor:** "Nós pequenos agricultores somos julgados como se a gente tivesse destruindo o meio ambiente, e a gente não destrói. A gente quer trabalhar."
- **Falta de Apoio e Burocracia:** Denunciou a falta de programas de apoio pós-usina e a burocracia estatal, especialmente da SEMA, que nega a autorização para uso da água do lago para irrigação, inviabilizando o acesso a financiamentos do BNDES. "O BNDES não dá dinheiro se não tiver essa autorização para água."
- **Crise da Pecuária Leiteira:** Relatou a precarização total da produção de leite, com preços irrisórios pagos ao produtor. "Com o preço do leite nesses patamares, tá fadado ao fracasso todo produtor."
- **Êxodo Rural e Falta de Sucessão:** "O que vai ser dos agricultores quando o jovem só vê os pais reclamar? Eles vão trabalhar nos tratores no agro, não querem cultivar"
- **Problemas Infraestruturais Crônicos:** Alertou para os riscos de incêndio devido à falta de manejo da ENERGISA na rede elétrica e para os constantes cortes de energia. "Em 2025/2026, não tem energia mesmo com tanta usina aqui."
- **Indenização Irrisória e Injustiça:** "Pagaram o hectare o mesmo que custa um saco de adubo." Criticou a hipocrisia do capital estrangeiro, citando o presidente francês Macron, que "diz que preserva o mundo, e financia a usina que faz uma destruição dessa".

A Resposta da Comunidade: Organização e Sonho Coletivo

Apesar da revolta, a fala de Daniel foi também um testemunho de resistência. Ele destacou o papel fundamental do MAB na assessoria jurídica e na organização comunitária. E, num gesto de poderosa esperança, convidou as pessoas presentes para "sonhar": apresentou a luta coletiva pelo asfalto na vila, um projeto de 40 km que a comunidade mesmo está bancando e elaborando, pois "se esperar de um deputado, vereador, político, nunca sai".

Ele finalizou com um apelo concreto por solidariedade e incidência política: "eu gostaria que amanhã alguém ligasse pro MAB ou pra gente e conseguir incidir em dois casos, SEMA para conseguir a outorga, e ENERGISA pra não faltar energia".

Seu relato, longo e denso, foi recebido com uma salva de palmas, um reconhecimento da luta incansável dos agricultores e agricultoras da Gleba Mercedes.

A Escuta Coletiva: As Vozes do Território sobre a Crise Climática

Após a fala contundente de Daniel, Renato assumiu a mediação, reforçando a importância daquela escuta. "A fala do Daniel é muito importante porque mostra os desafios que a gente tem pra frente", começou, conectando a luta local à necessidade urgente de enfrentar as mudanças climáticas. Ele destacou que a crise climática não é um tema abstrato, mas uma realidade que já impacta profundamente a vida de todas as pessoas, no campo e na cidade, e que era fundamental "falar com as nossas próprias vozes o que temos sofrido".

Para concretizar essa escuta, Renato propôs uma dinâmica de "cochichos": pequenos grupos de quatro a cinco pessoas conversaram por cinco minutos sobre as mudanças percebidas em seus territórios nos últimos 10 a 15 anos. O objetivo era compartilhar experiências concretas e, a partir delas, construir um painel coletivo da crise.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Os Relatos: A Crise Climática no Chão da Comunidade

Cada grupo trouxe seu diagnóstico, revelando um consenso sobre a gravidade e a concretude das mudanças:

- **Grupo da Emilly:** Relatou a alteração drástica no regime de chuvas em Sinop. "Não tá chovendo, a gente tá em outubro e não tá chovendo como antes", disse Emilly. O calor também foi destacado como um limitante para o trabalho: "trabalhar hoje perto do meio dia é impossível". Ela ainda citou um caso concreto onde um porco quase morreu por causa do calor excessivo e lembrou que, antes da usina, o rio e a mata ofereciam refúgio, hoje foram substituídos pelo "paliteiro".



Foto: João Carlos | MST

- **Grupo do Zé:** Composto por veteranos com mais de 20 anos no estado, o grupo enfatizou a **imprevisibilidade total do tempo**. “Antes dava pra se organizar, quando era pra plantar. Agora a gente acha que vai chover, não chove, a semente cozinha no chaõ”, explicou Zé. Um senhor complementou, lembrando com saudade das “chuvas de molhar bobo”, lentas e constantes, que não existem mais. Outro agricultor contou que perdeu mudas plantadas para as primeiras chuvas que simplesmente não vieram.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

- **Grupo do Cacique José Maria (Povo Apiaká de Juara):** Trouxe a perspectiva indígena. Edson relatou o aumento do período de seca, a perda sensível de sementes tradicionais como o cará, o calor intenso e o aumento na frequência de incêndios no território. A caça e a pesca estão escassas, e a aproximação de onças das criações tornou-se um problema real, indicando um profundo desequilíbrio ecológico.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

- **Grupo da Eliane Kayabi:** A indígena Eliane ecoou os relatos sobre perda de sementes e calor. Ela destacou a imprevisibilidade dos rios e a diminuição drástica da caça. Fez um alerta veemente contra novos empreendimentos: “a gente não pode deixar fazer a usina no Salto Sagrado”. Também mencionou a gestão do fogo para o plantio, um conhecimento tradicional agora ainda mais desafiado pelas condições climáticas.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

- **Grupo do Márcio:** Relatou a perda total da referência temporal para o plantio. “A gente não tem mais uma data exata”, disse, citando perdas de hectares inteiros de mandioca porque a planta “cozinha na terra” com o calor excessivo antes mesmo de se desenvolver.



Foto: João Carlos | MST

- **Grupo do Ronaldo:** Ampliou a perspectiva para os centros urbanos. Citou ventos mais fortes causando destelhamentos, a tempestade de areia em Cuiabá e o calor crescente. Relacionou esses fenômenos diretamente ao desmatamento e criticou a retirada de árvores nas cidades pela concessionária de energia, que gera ilhas de calor.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

- **Grupo do Gastão:** Reforçou o coro sobre a invasão de animais em propriedades (capivaras, porcos-do-mato, abelhas) e a escassez de peixes. Seu relato foi finalizado com uma pergunta provocadora: “onde tá a nossa capacidade de atuar e de defender a terra?”



Foto: Caio Mota | aproteja.org

- **Grupo do Marciano:** Trouxe um contraponto de esperança e autoavaliação, elogiando um agricultor que mantém 51 hectares de mata preservada. “Essa é uma prática que nós podemos nós mesmos fazer”, defendeu, chamando à uma reflexão interna e à crítica construtiva dentro do movimento.



Foto: Caio Mota | aproteja.org

- **Grupo do Thaylon:** Sintetizou que as mudanças no regime de chuvas são a principal ameaça aos cultivos e às atividades pecuárias, aumentando drasticamente o risco de incêndios e afetando a pesca. Citou a grave crise de abastecimento de água em Juara e Rondônia como exemplos das consequências.



Foto: Caio Mota | aproteja.org

O Chamado à Ação e a Transição para as Soluções

Daniel, retomando a palavra, fez um apelo passional por ação: “A gente precisa tomar atitude, fazer alguma coisa para deixar pras gerações futuras”. Ele defendeu a necessidade urgente de reflorestamento, mas questionou com vigor a responsabilização exclusiva do pequeno produtor, lembrando que o agronegócio e o consumo urbano

são os grandes poluidores. “Parece que nós agricultores somos os únicos responsáveis”, desabafou, destacando a injustiça dessa narrativa.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Renato, então, sintetizou a sessão. “Quanta coisa foi trazida aqui”, refletiu, destacando que todas as pessoas, de diferentes formas, estão perdendo algo essencial com as mudanças climáticas. Ele criticou o discurso distante dos cientistas. “Os cientistas ficam falando dos graus, se é 1,5 ou se é 2. Pra gente aqui, tá mudando no chão”, e as falsas soluções de mercado, como os créditos de carbono, que não resolvem os problemas concretos das comunidades. “Quem são os grandes poluidores? Não é o Daniel, com seu sítio, cultivando”, afirmou, apontando o agronegócio como o principal responsável.

Para finalizar essa rodada de escuta e abrir espaço para a construção de alternativas, Renato anunciou a próxima fala: “Quero chamar o companheiro Océlio de Rondônia, ele vai trazer a experiência... Não só de cenário ruim a gente vive, porque tem tanta gente fazendo, apontando caminhos”. Essa transição preparou o terreno para a partilha de experiências concretas e das alternativas populares que o movimento tem construído na prática.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

A Resposta Organizada: Experiências e Alternativas Populares do MAB

Com o terreno preparado pelos relatos comoventes e enfurecidos da comunidade, Renato passou a palavra ao Océlio, do MAB Rondônia, para que trouxesse a experiência de luta e as alternativas concretas que o movimento tem construído nacionalmente.

Océlio iniciou sua fala contextualizando a histórica relação do MAB com a questão climática. “O movimento do MAB é historicamente entrelaçado com a luta ambiental”, disse, lembrando que desde sua fundação, as famílias atingidas por barragens eram justamente as que moravam às margens dos rios, as primeiras a serem expulsas em nome de um “desenvolvimento” que não as incluía.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Ele detalhou a evolução do debate dentro do movimento:

- **Da Barragem ao Modelo:** O MAB percebeu que o problema não era apenas a barragem em si, mas o modelo de sociedade e produção que ela servia. “A gente começou a entender que a luta não era só contra a barragem, mas contra aqueles que queriam a hidrelétrica pra fazer funcionar o capitalismo”. Daí surgiu o lema “Energia para que e para quem?”.
- **A Conexão Clima e Direitos:** O movimento compreendeu que os atingidos não eram apenas vítimas das barragens, mas também das mudanças climáticas, muitas vezes agravadas por esses mesmos empreendimentos. Ele citou os crimes de Mariana e Brumadinho, e os eventos climáticos extremos como as secas históricas e cheias devastadoras na Amazônia e no RS. “Quem tem mais sofrido com isso hoje são as periferias das grandes cidades, as comunidades ribeirinhas, tradicionais, indígenas, quilombolas”.

Quem são os Culpados?

Océlio foi direto: “73% da emissão dos gases de efeito estufa são por conta dos combustíveis fósseis. No Brasil, 74% é decorrente do desmatamento que leva ao manejo da terra, da agricultura e da agropecuária”. Ele nomeou o agronegócio, com seu ciclo de fogo, boi e soja, e projetos de expansão como o AMACRO (Amazonas, Acre e Rondônia, nova fronteira da soja), como os grandes responsáveis. “Isso aumenta o processo de mudança do clima... e os mais afetados são os pobres, negros, e comunidades”.

As Falsas Soluções e as Alternativas Populares

Criticando as tratativas das COPs e soluções de mercado, como o crédito de carbono, ele afirmou: “Se a gente não mudar o modelo de produção capitalista, a saída é o modelo de mercado... a gente precisa transformar a floresta em mercadoria”. E contra isso, o MAB vem construindo uma prática diferente:

- **Transição Energética Justa e Popular:** Questionando “para que e para quem” serve a transição, denunciou que as mesmas empresas das hidrelétricas são as que controlam a energia eólica e solar. “A gente tem feito o debate que tem que fazer a transição energética justa e popular”.
- **Acesso a Fundos e Financiamento:** “O MAB começou a pautar que o BNDES precisa também financiar os atingidos”. Ele citou a luta por acesso ao Fundo Amazônia para projetos comunitários.
- **Ações Práticas de Resposta:**
  - **Campanha “Plantando Vidas”:** Meta de plantar 200 mil mudas na Amazônia.
  - **Usina Solar Comunitária em MG:** “O MAB em MG disputou recurso pra fazer uma usina solar em cima do reservatório... que gera energia pra 1200 famílias”. Um exemplo concreto de energia popular.
  - **Sistemas de Aquecimento Solar em SP:** Instalação de aquecedores solares de baixo custo em periferias, garantindo banho quente sem sobrecarregar a conta de energia.
  - **Programa Cisterna Amazônia e Filtros de Água:** Luta para levar água potável para comunidades isoladas, enfrentando a seca extrema. “Em RO vamos atuar junto com 800 famílias”.

O Verdicto Final:

“Se a gente quiser salvar o planeta, a gente tem que mudar o modo de produção capitalista, e não o clima”, concluiu Océlio, arrematando com a máxima do movimento: “Água e energia não são mercadorias”.

O Encerramento da Manhã: Do Debate à Ação Simbólica

Renato retomou, reforçando que a fala do Océlio mostrou a importância de pensar soluções para o agora, o médio e o longo prazo. “Mudar o sistema que nos ameaça. Queremos uma mudança radical, outra maneira de viver no mundo”.

Para encerrar a intensa manhã de trabalhos, Emilly conduziu um momento simbólico. Ela lembrou da Campanha Plantando Vidas e convidou todas as pessoas a fazerem um plantio coletivo de mudas nas áreas da comunidade. “O futuro se faz plantando”, afirmou, “é plantando árvores, direitos, organização, luta e coletividade”.

Cada participante recebeu um saquinho com a **muvuca de sementes**, a mesma mistura diversa que simbolizava o próprio festival. A manhã terminou com as mãos na terra, num gesto concreto de esperança e comprom

isso, rumo ao almoço e à continuação da programação da tarde, que incluiria a visita ao corredor ecológico.



Foto: Caio Mota | aproteja.org



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: Caio Mota | aproteja.org



Foto: Caio Mota | aproteja.org


Foto: Caio Mota | aproteja.org


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Foto: Caio Mota | aproteja.org

Foto: Caio Mota | aproteja.org


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: Vytoria Pachone | MST



Foto: João Carlos | MST



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: João Carlos | MST



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

A Tarde no Território: Conhecendo o Corredor Ecológico – A Semente da Resistência

Após o almoço, preparado com muito cuidado e carinho pela Dona Maria e pela Dona Loreni da comunidade, a programação do festival seguiu com uma visita prática a uma das principais frentes de resistência e reconstrução na Gleba Mercedes: o Corredor Ecológico. O grupo se deslocou para uma área onde a paisagem, por si só, contava a história de destruição e renascimento.

O Cenário da Destruição: A Antiga Gleba sob as Águas

Antes de qualquer explicação técnica, foi a voz de quem vive ali que deu o tom da tarde. Armandinho, morador da Gleba há mais de duas décadas, recepcionou o grupo de participantes em sua casa e tomou a palavra.

A fala veio carregada de memória, cansaço e revolta.

Ele contou que construiu ali o que chamava de seu "sítio dos sonhos": uma propriedade na beira do rio Matrinxã, então um rio estreito, de três a quatro metros de largura, com mata preservada, cachoeirinha para banho, tanque de peixe e área de lazer que servia de ponto de encontro da comunidade. Tudo foi sendo feito aos poucos, ao longo de muitos anos de trabalho.

Até que, no meio desse processo, chegou a usina:

"Você vai para um lugar e quer fazer alguma coisa, na metade do caminho vem uma usina e fala: isso aqui não é teu, você vai ter que sair."

Armandinho relatou que a indenização recebida cobriu apenas uma fração do valor da terra e das benfeitorias, insuficiente para reconstruir o que havia sido perdido.

Lembrou que essa não era a primeira vez que sua família passava por isso: antes de Sinop, eles já haviam sido atingidos pela construção de Itaipu, no Paraná. Por isso, ele se define como "filho da Itaipu": alguém cuja vida foi atravessada, mais de uma vez, por grandes barragens e pelas mesmas promessas descumpridas.

Na sua leitura, o que se repete é um modelo de violência e injustiça: empresas que chegam com discursos de desenvolvimento, contratos difíceis de compreender, apoio de autoridades religiosas e políticas locais, e um sistema de Justiça que, mesmo quando parece reconhecer o direito dos atingidos, acaba voltando atrás nas instâncias superiores. O resultado, segundo ele, é a sensação de que "no fim, o atingido luta praticamente sozinho", e de que o pouco que resta de proteção vem da capacidade de organização coletiva, como a construída junto ao MAB.

Depois desse relato, o grupo caminhou até mais próximo do lago onde Jefferson, do MAB, retomou a palavra para situar, geograficamente, o tamanho da perda material e simbólica. Apontando para o espelho d'água à frente do grupo, ele explicou que aquele lago esconde sob si estradas, casas, áreas produtivas e pontos de encontro da comunidade.

Ele contou que ali, onde hoje se vê apenas água e galhadas, passava a estrada principal da Gleba, por onde as pessoas circulavam. A casa de Armandinho, com todo o espaço de lazer descrito por ele, está hoje submersa "lá embaixo, perto daquela galhada". A casa do irmão, Daniel, ficava próxima a alguns pés de manga, cujos troncos mortos ainda podem ser vistos na paisagem. Com o enchimento do reservatório, essa região, antes ocupada por mata ciliar preservada e por um rio estreito e corrente, foi transformada num grande lago artificial.

Jefferson explicou que, antes, o rio Matrinxã formava um corredor florestal contínuo, conectando a Gleba até o rio Teles Pires, com margens protegidas pelos próprios moradores. Com a barragem, esse corredor foi rompido. O que antes era um rio com suas épocas de cheia e seca relativamente estáveis, hoje é um reservatório de acumulação que oscila até dez metros de nível, a depender da lógica de operação da usina. Essa variação constante faz com que a vegetação cresça e morra repetidamente nas margens, apodreça sob a água e gere impactos na qualidade da água, na fauna, na flora e na possibilidade de uso do lago para lazer, pesca e turismo.

Além da destruição ambiental, Jefferson apontou os impactos na organização do território e da vida cotidiana: famílias que antes se visitavam de barco, em poucos minutos, passaram a depender de longos deslocamentos por estrada; antigas áreas de convivência e banho da comunidade se tornaram inacessíveis ou impraticáveis; e a usina, mesmo multada por mortandade de peixes e outros impactos, segue operando, enquanto os atingidos ainda lutam por reparação e reconhecimento.

A Resposta: O Corredor como Ativo Político e Pedagógico

Diante desse cenário, o grupo seguiu caminhando até o projeto do Corredor Ecológico, implantado em uma área próxima ao lago. Ali, o que se vê é uma tentativa concreta de responder ao modelo predatório das grandes obras, não apenas denunciando, mas também propondo outra forma de se relacionar com o território.

Ivanildo, engenheiro florestal e colaborador do projeto, apresentou a motivação e a metodologia do corredor. Ele explicou que, depois que a usina alagou a região, muitas áreas de floresta e de biodiversidade ficaram isoladas em pequenos fragmentos. A ideia do corredor foi justamente criar uma "ponte verde" entre esses fragmentos, restaurando parte da conectividade da paisagem e, ao mesmo tempo, construindo uma experiência de reflorestamento que confronta o modelo proposto pela empresa, baseado em monoculturas como eucalipto ou palma.

O corredor tem cerca de um hectare e foi implantado com o sistema de muvuca de sementes. Em vez de plantar uma espécie por vez, em linha, a equipe trabalhou com uma mistura de sementes e mudas, combinando espécies pioneiras de crescimento rápido, que ajudam a formar sombra e microclima, com espécies de crescimento mais lento, como árvores nativas que precisam da proteção das primeiras para se desenvolver. Foram usadas também espécies forrageiras e leguminosas (como crotalária, feijão guandu e outras), que contribuem para recuperar a fertilidade do solo, aumentar a matéria orgânica e reativar a vida microbiana da terra.

O projeto foi pensado com múltiplas funções:

- **Conectividade ecológica**: recompor, ainda que em pequena escala, a ligação entre fragmentos florestais, permitindo a circulação de animais como macacos, anta, onça e outras espécies que precisam de áreas amplas para viver.
- **Geração de renda**: incluir espécies frutíferas, como caju e pequi, pensando no uso futuro para extrativismo e beneficiamento de frutas, agregando renda às famílias que vivem no entorno.
- **Laboratório vivo**: servir como espaço de formação e pesquisa. Estudantes de escolas da região e de universidades, como a UFMT, já utilizam o corredor para estudos em agroecologia, restauração florestal e sistemas agroflorestais,
- transformando a área em um campo de experimentação compartilhado entre agricultores, movimentos sociais, universidade e organizações parceiras.

Jefferson reforçou que o corredor também é um instrumento de disputa política. Ao existir, ele materializa um modelo de reflorestamento que contrasta com a lógica da usina e com o programa oficial de recuperação de áreas (como o Pacuera), que a empresa tenta implementar sem antes resolver as pendências de indenização com as famílias atingidas. O corredor, nesse sentido, é um piloto que afirma: é possível recuperar floresta com diversidade, gerar renda, proteger a fauna e fortalecer a autonomia das comunidades, sem repetir a lógica de monocultura e de decisões impostas de cima para baixo.

A visita ao Corredor Ecológico foi mais do que uma atividade técnica. Depois de ouvir as histórias de perda e injustiça às margens do lago, caminhar entre as árvores em crescimento ajudou a traduzir, em paisagem, uma resposta possível ao que foi destruído.

De um lado, o lago da UHE Sinop, com suas águas oscilantes e a floresta morta, simbolizando a violência de um projeto que transforma rios em reservatórios, vida em lucro e direitos em burocracia. Do outro, o corredor em construção, com suas sementes germinando, suas frutíferas em formação e sua função de ponte entre fragmentos de floresta, pessoas, saberes e lutas.

Ali, a luta pela justiça climática e social aparece de maneira concreta: plantar árvores, recuperar solo, criar condições para que a fauna retorne, gerar renda para as famílias e construir conhecimento coletivo. A atividade da tarde terminou com os participantes imersos nessa paisagem de contradições e esperanças, carregando consigo a lição prática de que a resistência também se faz plantando, e de que, mesmo diante de tanta perda, ainda é possível semear outros futuros.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia

Dia 3 | 25 de outubro
CULTURA COMO RESPOSTA À CRISE CLIMÁTICA

Local: Reassentamento Beckhauser (manhã) e Terraço Gourmet, Sinop (tarde/noite)
Formato: Encontro interno e atividade aberta ao público.

O festival se encerrou unindo a mão na terra e a celebração na cidade, abrindo-se para a sociedade.

- **Pela manhã,** uma imersão no Reassentamento Beckhauser, com uma oficina prática sobre o funcionamento de uma **horta agroecológica**, simbolizando a reconexão com a terra e a soberania alimentar.
- **À tarde e noite,** o festival se abriu ao público no Terraço Gourmet com uma **feira de economia solidária**, reunindo alimentos saudáveis, artesanato e biocosméticos de cooperativas locais. O espaço se transformou em um palco de resistência com shows, performances de drag queen, batalhas de conhecimento, poesia e teatro, mostrando que a cultura é o alimento da alma e uma trincheira indispensável na luta por um mundo justo.


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Manhã no Reassentamento Beckhauser: Horta circular, energia solar e soberania alimentar

O terceiro dia do festival começou em outro território atingido. Depois da vivência, na véspera, na Gleba Mercedes, o grupo seguiu para o Reassentamento Beckhauser, onde vivem famílias removidas do antigo assentamento 12 de Outubro, às margens do rio Teles Pires, por terem tido suas casas invadidas pelo lago da UHE Sinop . A proposta da manhã foi simples e profunda ao mesmo tempo: conhecer uma horta circular agroecológica, ver de perto um sistema de irrigação movido a energia solar e conversar sobre como produção de alimento, energia e organização popular se encontram na mesma luta.

A família de agricultores familiares Almeri e Maria da Conceição Fontana abriu as portas de sua casa para compartilhar a experiência de sua produção, especialmente junto ao projeto Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), uma proposta que integra agroecologia, cuidado e autonomia. Participantes do festival, moradores do reassentamento e atingidos de outras regiões se reuniram para ouvir a história do projeto antes de caminhar pelos canteiros.

Do BNDES à horta: a luta que virou projeto

Jefferson, do MAB, iniciou a conversa explicando que aquela horta não surgiu de um projeto técnico isolado, mas de uma longa disputa política. Ele retomou o caminho feito pelo movimento desde o início dos anos 2010, quando o MAB passou a denunciar que as grandes hidrelétricas eram financiadas majoritariamente com recursos do BNDES, sem que houvesse contrapartida para reconstruir a vida das comunidades atingidas. A pergunta era direta: se o banco público financia usina, por que não financia também projetos produtivos para quem perdeu tudo com o barramento dos rios?

Depois de muita pressão, em 2017 saiu o primeiro projeto financiado pelo Fundo Amazônia, via BNDES, voltado para implementação de unidades de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável, o PAIS. Foram instaladas hortas circulares em diferentes estados da Amazônia Legal: cerca de 30 em Mato Grosso, 30 em Rondônia, mais de 100 no Pará e outras no Tocantins, além do plantio de mais de 50 mil mudas de árvores sob a campanha Plantando Vida na Amazônia.

Na época, o Reassentamento Beckhauser já estava listado para receber uma unidade,

mas esbarrou na recusa da Sinop Energia em fornecer a documentação necessária de propriedade da terra para as famílias atingidas. Sem esses papéis, as famílias ficaram de fora da primeira leva de hortas, fomentadas pelo projeto, numa demonstração prática de como a burocracia ambiental e fundiária é usada para atrasar ou impedir direitos.

Jefferson contou que o projeto foi interrompido em 2021, durante o governo Bolsonaro, quando o Fundo Amazônia foi paralisado. A retomada só aconteceu a partir de 2023, com a reorganização do Fundo e muita pressão política do MAB. O novo projeto, aprovado para o período recente, prevê atender 600 famílias na Amazônia: 300 com sistemas PAIS, 200 com projetos produtivos complementares (como tanques de peixe, casas de farinha ou café) e 100 vinculadas a cinco viveiros, com produção estimada de 10 a 15 mil mudas por ano em cada um. A meta é chegar a 200 mil árvores plantadas nos próximos anos.

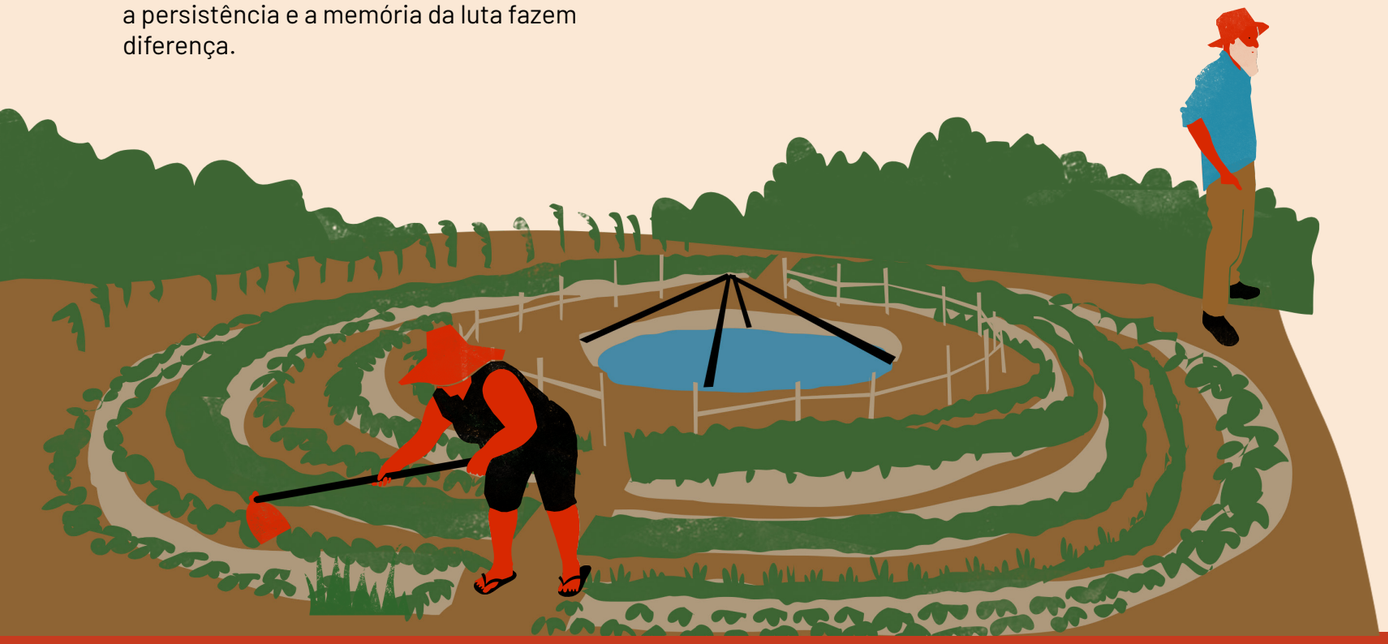
Foi nesse novo ciclo que o Reassentamento Beckhauser entrou definitivamente no mapa. Para as famílias que ficaram de fora do projeto no passado por conta da atitude criminosa da Sinop Energia, como o próprio MAB resumiu, ver a horta circular montada ali tinha um significado que ultrapassava o aspecto produtivo: era a confirmação de que a persistência e a memória da luta fazem diferença.

A horta circular como coração do projeto

Ao lado da roda de conversa, a horta circular já chamava atenção. O sistema PAIS, que muitos conhecem como "horta mandala", organiza os canteiros em forma de círculos ou meias luas em torno de um centro que pode ser usado para reservatório de água ou criação de pequenos animais como galinnhas. O desenho facilita o manejo, otimiza o uso da água e integra diferentes espécies num mesmo espaço, combinando hortaliças, plantas de ciclo mais longo e, em alguns casos, frutíferas.

No reassentamento, a unidade foi instalada na área da família de Almery, um dos moradores que já vinha se envolvendo com o MAB e guardava, até hoje, os papéis das reuniões e promessas feitas anos atrás. Ele foi lembrado como um dos que "não soltou a esperança", mantendo viva a expectativa de que o projeto um dia chegaria.

A horta em si é uma síntese da proposta do festival: pequena em escala, mas grande em significado. Cada canteiro plantado representa a possibilidade de produzir alimento sem veneno, de reduzir a dependência de insumos externos e de fortalecer a soberania alimentar das famílias.



Energia solar e água: tecnologia na mão do povo

Depois da contextualização política e da apresentação do histórico do projeto, a atenção se voltou para a "maquininha" que tornava tudo aquilo possível no dia a dia: o sistema de irrigação movido a energia solar. Técnicos parceiros e militantes do MAB explicaram que, no projeto anterior, a solução adotada incluía placas, controladores e baterias. Na prática, porém, as baterias se tornaram o ponto frágil do sistema, com alto custo de reposição e problemas logo no primeiro ano, o que deixou algumas unidades sem funcionamento pleno.

Para o novo ciclo, a equipe decidiu simplificar. O sistema instalado no Reassentamento Beckhauser é composto por:

- Placas solares dimensionadas para acionar a bomba de água.
- Um relé de comando, que funciona como "chave geral", ligando ou desligando o sistema conforme a necessidade.
- Uma bomba submersa ligada ao poço comunitário, capaz de mandar água tanto para a caixa d'água da família quanto diretamente para a horta, a partir dos desvios feitos nas conexões montadas no chão.

Durante a atividade, o grupo acompanhou o acionamento do sistema. Foi explicado que a bomba tem uma capacidade máxima de operação, mas que para a irrigação da horta é mais interessante trabalhar com algo em torno de metade dessa potência, ajustando no inversor para evitar esforço desnecessário e risco de queima. O painel de controle foi mostrado com calma, destacando onde se faz o ajuste de potência e como o próprio agricultor pode operar o sistema sem depender da presença constante de técnicos especializados.

Océlio, da coordenação nacional do MAB, reforçou que essa escolha tecnológica não é neutra. Ao usar energia solar para bombear água do poço e irrigar a horta, a família reduz a conta de luz e passa a investir o que antes ia para a distribuidora em produção de alimentos. No futuro, o movimento pretende sistematizar quanto cada família deixou de pagar para a empresa de energia para mostrar, com números, o impacto da estratégia. Para o MAB, essas "coisas pequenas" são parte de um projeto maior de transição energética popular, que defende o acesso à energia limpa como direito e como ferramenta de autonomia nas comunidades atingidas.

Burocracia, entraves e a dimensão coletiva do projeto

A conversa não escondeu os obstáculos. Jefferson explicou que uma das principais travas recentes tem sido a exigência de documentação para o uso da água. Atualmente, a Secretaria de Meio Ambiente de Mato Grosso passou a enquadrar pequenos agricultores, que usam alguns milhares de litros de água por dia para irrigar uma horta, na mesma categoria de grandes fazendeiros que instalam pivôs centrais para irrigar soja. Em muitos casos, isso implica contratar geólogos ou engenheiros para assinar relatórios com custos que, somados, chegam a mais de cem mil reais em algumas regiões, inviabilizando o avanço dos projetos.

No caso específico do Reassentamento Beckhauser, uma parte desse caminho já estava vencida porque o poço comunitário foi instalado pela própria empresa responsável pela hidrelétrica, que teve obrigação de regularizar a outorga de uso da água. Isso viabilizou a montagem do sistema experimental ali. Ainda assim, Jefferson alertou que o restante dos kits previstos para outras famílias não será instalado de imediato. O projeto segue preso a etapas burocráticas que exigem articulação com órgãos ambientais, parlamentares e o próprio banco financiador.

Essa franqueza teve um objetivo claro: alinhar expectativas. Montar uma unidade de horta circular e um sistema solar em uma família antes das outras poderia facilmente gerar frustração ou sensação de privilégio. Ao expor os motivos, o movimento reforçou que o projeto é coletivo e que a unidade experimental é um passo necessário para testar a tecnologia, reunir dados e fortalecer a luta por destravar as próximas etapas.

Intercâmbio e formação

Moradores do reassentamento e de outros locais de Mato Grosso também tomaram a palavra para compartilhar como enxergam esses processos. Dona Geni, da comunidade Pedreira no município de Juara, lembrou que, a cada intercâmbio ou reunião, sempre se traz para casa "pelo menos uma coisa nova" para melhorar a produção, o manejo ou a organização da rotina. Ela destacou que, às vezes, a gente acha que está fazendo tudo certo e descobre, nesses encontros, jeitos mais simples ou eficientes de trabalhar.

Jefferson retomou essa fala para reforçar a ideia de que sair de casa para uma atividade como aquela não é "perder um dia de serviço", e sim ganhar conhecimento, fortalecer laços e perceber que há gente fazendo coisas parecidas em outros cantos da Amazônia. Participantes da Gleba Mercedes, da região de Pedreira e Palmeira, de Juara e até de Porto Velho estavam presentes. Essa circulação entre territórios atingidos diferentes é parte central do novo projeto, que prevê momentos de intercâmbio entre estados para compartilhar experiências em agroecologia, sistemas produtivos, reflorestamento de nascentes e outras iniciativas.

No fechamento da manhã, o recado foi direto: o sistema de horta circular e energia solar instalado ali é apenas o começo. O projeto do Fundo Amazônia é um primeiro passo que abre portas para novas parcerias, como o desenho de sistemas agroflorestais com a Embrapa e a construção de viveiros comunitários. Mais do que uma experiência isolada, a unidade do Reassentamento Beckhauser é uma semente de transição agroecológica e energética, plantada num território que já conhece demais a violência das barragens.

Justiça climática também se faz com comida sem veneno na mesa, com água e energia sob controle do povo e com comunidades que se organizam para transformar pequenos sistemas em grandes mudanças.


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: Daniella Alvarenga


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente


Foto: Daniella Alvarenga



Foto: Daniella Alvarenga

Tarde e noite em Sinop: Feira, palco e cultura como resposta à crise climática

Depois da manhã com pé na terra no Reassentamento Beckhauser, o festival cruzou a estrada e chegou ao centro de Sinop. O Terraço Gourmet, espaço conhecido da cidade, se transformou em ponto de encontro entre campo e cidade, produção de alimentos e produção de sentido, luta e celebração. Era o momento em que o festival se abria de forma mais ampla ao público, chamando quem circula pela cidade para conhecer as lutas e os sonhos que sustentam o futuro em disputa.

Logo na chegada, a ambientação já comunicava que não se tratava de um "evento cultural" qualquer. Faixas, cartazes e a própria disposição das bancas indicavam que a proposta era outra: aproximar quem produz alimento, arte e conhecimento de quem consome, construindo vínculos concretos entre economia solidária, cultura e justiça climática.

Artes visuais integradas

As artes visuais do festival formaram um percurso vivo dentro do espaço do último dia. Cada obra, cada foto e cada filme abriu uma porta para enxergar a vida com mais nitidez, sensibilidade e força política.

Enzo Eduardo levou telas e murais cheios de cor e impulso criativo, marcados pela vontade de traduzir sensações.



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia

Diva Desenha, artista trans, apresentou trabalhos que misturam humor, afeto e crítica, transformando a cultura pop em gesto autoral.





Foto: Lola | @siriusepah

O Studio Barão Belas Artes chegou com técnicas diversas, unindo pintura, grafite e arte digital em criações que ocupam o espaço como quem reivindica presença.



Foto: Anthony Luiz



Foto: Studio Barão Belas Artes

Emilly Navroski expôs suas telas e artesanatos no corredor das artes visuais do festival, com obras que misturam diferentes estilos.

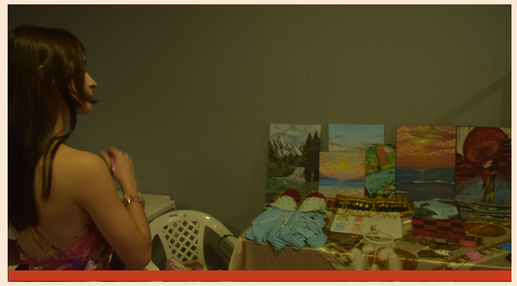


Foto: Lola | @siriusepah



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia

Jesse Artes mostrou painéis feitos em muros e paredes, com traços que nascem do cotidiano e carregam a marca de resistência. E também pintou um painel durante o evento que simboliza a temática do festival.



Foto: Daniella Alvarenga

Luciano Davi apresenta obras que cruzam mídias digitais e cinema, ampliando o olhar sobre Sinop e sobre a arte produzida aqui.



Foto: Anthony Luiz

A exposição de fotografias do MAB mostra a vida de atingidos por barragens em Mato Grosso. São imagens que revelam denúncias, mas também resistência, cuidado e reconstrução. Um registro de luta que devolve rosto e voz para quem vive a violência dos empreendimentos e segue firme na defesa do território.



Foto: Lola | @siriusepah



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia

O CineMAB é uma iniciativa do MAB em Mato Grosso que leva cinema sempre de forma aberta e gratuita, para provocar conversa política a partir de filmes. A cada sessão, documentários, curtas e videoclipes sobre territórios, memórias e lutas populares são exibidos seguidos de roda de debate. No festival O Futuro se Faz em Luta, o CineMAB abriu a programação do dia 25 de outubro e funcionou como porta de entrada para o eixo da cultura, apresentando uma seleção de produções audiovisuais ligadas à luta dos atingidos por barragens, à cultura popular, à economia camponesa e à cena artística contemporânea da região.

Na sessão do festival, foram exibidos os seguintes materiais:

- **Vidas alagadas: histórias das famílias atingidas pela UHE Sinop e UHE Castanheira (MAB)**
  Documentário curto do MAB Mato Grosso que reúne depoimentos de famílias atingidas pelas usinas de Sinop e Castanheira. As falas mostram as perdas materiais e afetivas com o alagamento das terras, a precariedade das indenizações e o cotidiano de incerteza à beira dos reservatórios, denunciando as contradições do licenciamento e da operação das barragens. Assista em: https://youtu.be/kf2FxRTrsK0?si=MH8DLjOwfoJiJuDl

- **Diva Nova – DIVA (curta-metragem)**
  Curta metragem de ficção que acompanha uma noite na vida de Diva, personagem que atravessa a cidade e se depara com situações de violência, medo e resistência. O filme usa a linguagem do terror e do suspense psicológico para falar de vulnerabilidade, desejo de sobrevivência e dos limites entre fantasia e realidade em contextos de opressão de gênero e sexualidade. Assista em: DIVA (Curta-Metragem)

- **Ariel – A cor púrpura (clipe)**
  Videoclipe da artista Ariel que cria uma narrativa visual em torno da canção "A cor púrpura". Com forte presença da performance da cantora, o clipe trabalha a cor como símbolo de força, sensibilidade e afirmação, aproximando o universo íntimo da artista de referências mais amplas de dor, cura e reinvenção. Assista em: https://www.youtube.com/watch?v=lyr-7PebWeUI

- **Karola Nunes – Tá vendo seu moço? (clipe)**
  Videoclipe da cantora e compositora mato-grossense Karola Nunes. A obra é resultado de um coletivo diverso de artistas e arteiros da região e mistura música, dança e visualidades para falar de autonomia, corpo e existência feminina em um contexto marcado por desigualdades e conservadorismo, afirmando a potência da arte produzida no Centro-Oeste. Assista em: Karola Nunes - Tá Vendo Seu Moço? (Clipe Oficial)

- **A Luísa Lamar, Sharamandaya Kess – Treme (clipe)**
  Clipe da multiartista A Luisa Lamar em parceria com Sharamandaya Kess. A música e as imagens tratam da presença poderosa de uma travesti em um baile, tensionando desejo, medo e violência, e abordando diretamente a temática da violência contra a mulher e contra corpos dissidentes. O trabalho afirma o direito ao prazer e à liberdade, confrontando as estruturas que tentam controlar esses corpos. Assista em: A LUISA LAMAR, SHARAMANDAYA KESS - TREME

- **MARCAS (TEAF) – curta-metragem**
  Curta de ficção produzido pelo Teatro Experimental de Alta Floresta. A partir de personagens em situações limite, o filme aborda as marcas que experiências de violência, perda e resistência deixam nos corpos e nas relações, trabalhando memória, dor e a possibilidade de recomeço, em diálogo com a trajetória do grupo na cena teatral da Amazônia mato-grossense.

- **Lamentação das Almas (Alente)**
  Documentário da produtora A Lente sobre o ritual popular conhecido como Lamentação das Almas, realizado em comunidades tradicionais durante a Quaresma e a Semana Santa. A câmera acompanha cantos, caminhadas noturnas e rezas coletivas, registrando a força espiritual, a musicalidade e a dimensão comunitária desse rito, que atualiza vínculos entre vivos e mortos, território e fé. Assista em: Lamentação das Almas | Semana Santa | Ritual de Quaresma | Lua Cheia | Páscoa

- **Documentário "8ª Festa Camponesa da Via Campesina em Rondônia" (MAB Rondônia)**
  Registro audiovisual da 8ª Festa Camponesa, organizada pela Via Campesina em Rondônia. O filme mostra momentos de mística, debates, feiras, apresentações culturais e celebrações, evidenciando a força da juventude camponesa, a centralidade da agroecologia e a defesa da Amazônia e da justiça climática como eixos da luta pelo direito à terra e à soberania popular. Assista em: Documentário ' 8ª Festa Camponesa da Via Campesina em Rondônia'

- **Muvuca de palavras que semeiam o futuro (Proteja)**
  Peça audiovisual produzida pela Proteja a partir do próprio festival. O vídeo reúne trechos de falas, palavras-chave, slogans e imagens dos três dias de atividades em Sinop e nos territórios, compondo uma espécie de "muvuca de palavras" que semeia ideias de futuro, justiça climática e comunicação popular, ecoando o gesto de plantar sementes diversas em um mesmo solo. Assista em: Muvuca de palavras que semeiam o futuro!

Esse conjunto de obras fez do CineMAB no festival um momento de aquecimento da sensibilidade e da análise política, ajudando a ligar, na tela, o que depois seria aprofunda do em roda, na conversa com quem vive, cria e luta nesses territórios.

A feira como ponte entre campo e cidade

A tarde começou com a feira de economia solidária. Agricultores familiares, artesãs, coletoras de sementes, empreendimentos de biocosméticos e artistas visuais ocupa-ram o espaço com bancas, cores e cheiros que traziam um outro projeto de cidade.

Da alimentação, vieram cooperativas e sistemas que já articulam, no cotidiano, uma transição possível:

- A COOPERAFS, com alimentos da agricul-tura familiar, reafirmando que comida de verdade nasce do cuidado com a terra, da diversidade de cultivos e da organização coletiva de quem planta.
- O CANTASOL e a COOPERVIA, trazendo a experiência da comercialização solidária que conecta assentamentos e periferias urbanas, reduzindo atravessadores e fortalecendo a renda das famílias, com produtos vindos de áreas de reforma agrária e práticas agroecológicas.
- A Rede Sementes Portal da Amazônia, com sementes florestais e o trabalho de coletoras e coletores que guardam, na prática, a base da restauração ecológica e da autonomia dos territórios.



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia

Ao lado dos alimentos, o público circulava também entre formas diversas de cuidado, memória e criação:

- Biocosméticos e sabonetes artesanais do Sítio Aroma da Floresta, velas e fra-grâncias da Passiflora, mostrando que é possível produzir bem-estar sem repetir a lógica predatória de grandes indústrias.
- Peças em biscuit, resina e impressão 3D, bottons e acessórios, produzidos por iniciativas como Rosa Laranja, Ode Ateliê e Mih Personalizados, que dão forma ma-terial à criatividade local e movimentam a economia em pequena escala, mas com grande impacto simbólico.



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia

A feira funcionou como uma espécie de mapa vivo das alianças que o festival que-ria fortalecer: entre quem luta por direito à terra, quem cuida da floresta, quem inventa outras economias e quem, na cidade, busca maneiras concretas de apoiar esses proces-sos.

Abertura do palco: regras de convivência e sentido político

À medida que a tarde avançava, o foco foi se deslocando do movimento das bancas para o palco. A drag queen Pamela Winter assumiu a condução da noite, costurando as apresentações com humor, presença e firmeza política. Seguindo as orientações construídas coletivamente, ela apresentou o festival, nomeou as organizações realiza-doras e parceiras e reforçou, em voz alta, os protocolos de convivência: não há espaço para racismo, machismo, LGBTfobia, xenofo-bia ou qualquer forma de violência.

A abertura do palco não foi apenas um mo-mento de "protocolos", mas de afirmação de um jeito de fazer cultura e de ocupar a cidade: um espaço onde corpos dissidentes são bem-vindos, onde artistas periféricos e movimentos sociais dividem o mesmo mi-crofone, onde a festa é também ferramenta de organização e memória.



Foto: Daniella Alvarenga

Linha do tempo da noite: música, batalha, poesia e teatro

A programação artística foi organizada como uma grande travessia, em que cada apresen-tação ajudou a ampliar o horizonte do que entendemos por "cultura" na cidade.

Quem abriu o palco foi Wigeeshao, artista sinopense que transita entre o trap, o beat e a fotografia. Sua apresentação trouxe a linguagem da juventude urbana, com batidas e letras que falam de vivências locais, estéti-ca própria e a sensação de estar no meio de um território tensionado entre agronegócio, periferia e possibilidades de futuro.

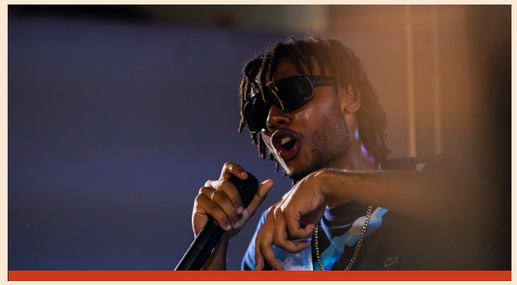


Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

Na sequência, Pamela Winter assumiu o cen-tro do palco não só como anfitriã, mas como artista. Drag queen, DJ, performer e atriz, ela trouxe para o festival a potência da cultura LGBT+, marcando a noite com performances



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

que misturam dança, dublagens e discurso, lembrando que a luta por justiça climática também passa pela defesa de corpos e existências que seguem sendo alvo de violência.

A Batalha do Conhecimento entrou em cena como um ponto de virada na dinâmica do público. Organizada por coletivos de juventude da cidade, ela levou para o festival uma lógica de duelo que, em vez de exaltar violência, valoriza palavra, raciocínio, informação e presença. Entre uma rodada e outra, quem assistia era convidado a refletir sobre temas que atravessam o cotidiano: periferia, racismo, gênero, política, território, sonho de futuro. A disputa deu lugar ao reconhecimento mútuo, com premiação para os primeiros colocados, mas sobretudo com afirmação de que conhecimento também é arma nas lutas do presente.

Ao longo da noite, outras apresentações foram costurando vozes, ritmos e linguagens:

Miuky, artista trans e criadora da página Diva Desenha, levou ao palco uma performance curta e intensa, misturando cultura pop, K-pop e atitude, afirmando a potência das juventudes dissidentes na cena cultural de Sinop.



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia

O poeta Aureir Brito trouxe a palavra escrita e falada como ferramenta de luta de classes, com poemas atravessados por experiências de interior, universidade, trabalho e conflito social.



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

A multiartista Vic Solary, influenciada pelo hip hop feminino e pela MPB, interpretou canções que ecoam a força das mulheres na música e na vida, ampliando o repertório afetivo da noite.



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: João Carlos | @movimentosemterra



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente

O teatro também teve presença central, com o Teatro Experimental de Alta Floresta (TEAF) apresentando dois trabalhos em momentos distintos da programação. Em PAR[T]IMOS, o grupo trouxe ao palco fragmentos de histórias de mulheres, atravessadas por maternidades, trabalho, sobrecarga e resistência, compondo um mosaico de memórias que se repetem e se cruzam entre gerações.



Foto: Daniella Alvarenga



Foto: João Carlos | @movimentosemterra

Mais tarde, com Retirante da Ilusão, o TEAF conduziu o público por lembranças de um retirante que atravessa tempo e espaço, convidando a refletir sobre deslocamentos forçados, migrações e o modo como o território marca as trajetórias individuais e coletivas.

Entre uma cena e outra, a música seguiu conduzindo o fluxo do festival. Ariel, multiartista que se formou em projeto social e se enraizou na música popular brasileira, levou interpretações que transitam entre referências clássicas e contemporâneas da MPB. Mano Soares trouxe composições que falam de interior, estrada, amores, contradições e lutas, conectando a experiência da Amazônia mato-grossense com uma memória mais ampla da canção popular brasileira.



Foto: Lola | @siriusepah



Foto: Daniella Alvarenga

A noite se encerrou com a presença do Reggae Day, festival independente idealizado pelo músico haitiano Makov Beeneche, já conhecido em Sinop. A participação do Reggae Day no festival amarrava histórias: de um lado, um evento que, desde 2022, vem reunindo artistas locais em torno do reggae, da MPB e do rock; de outro, um festival que afirma a cultura como resposta à crise climática. Juntos, ajudaram a transformar o Terraço Gourmet em um território temporário de encontro, lazer e mobilização.



Foto: Daniella Alvarenga

Cultura como trincheira e como respiro

O último dia mostrou, na prática, o que o festival vinha afirmando desde o início: cultura é linguagem que denuncia, cura, convoca, descansa e reorganiza forças.

A feira de economia solidária rompeu, ainda que por algumas horas, a lógica de consumo distante de quem produz, aproximando cidade e campo. O palco e as exposições visuais trouxeram à frente artistas e coletivos potentes naquilo que realizam.. A presença de povos indígenas, jovens periféricos, agricultores familiares, atingidos por barragens e coletivos culturais no mesmo espaço fez da noite um laboratório de futuro.

Ao final do dia, depois de hortas circulares, sistemas de energia solar, relatos de perdas com as barragens e um longo percurso de apresentações artísticas, o festival se conectava com Sinop com um recado simples e exigente: a luta por justiça climática também se faz com feira, som alto, poesia, corpo em movimento e riso compartilhado. A cultura, ali, apareceu como trincheira e como respiro. Como uma das maneiras mais potentes de dizer, em coro, que o futuro se faz em luta.



Foto: Daniella Alvarenga

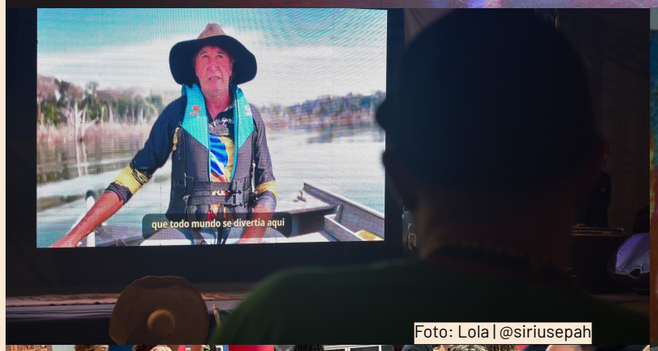


Foto: Lola | @siriusepah



Foto: Lola | @siriusepah



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Klezi Martins | @mabrondonia



Foto: Ahmad Jarrah | @a.lente



Foto: Daniella Alvarenga

Conclusão

O Festival O Futuro se Faz em Luta nasceu como um experimento político, afetivo e metodológico na Amazônia Mato-grossense.

Ao longo de três dias, entre debates, místicas, deslocamentos, plantios, visitas a territórios atingidos, feira e apresentações culturais, vimos se desenhar algo que não cabe apenas na categoria de evento. O festival foi encontro, foi processo de formação, foi laboratório de futuro. Esta nossa 'Memória do Amanhã' é uma fotografia parcial dessa caminhada, um esforço de registrar o que se viveu para que não se perca na memória e para que possa inspirar outras travessias.

A jornada em três atos deixou marcas nítidas. No primeiro dia, em Sinop, comunicadores populares, militantes, artistas, estudantes e lideranças construíram um campo comum de reflexão sobre a comunicação como disputa de imaginário. Ali se reafirmou que palavra não é detalhe, é força que organiza ou desorganiza, que naturaliza a violência ou aponta saídas coletivas. As dinâmicas de apresentação, o manifesto em colcha de retalhos, os grupos de debate e a síntese final ajudaram a colocar nome em algo que já existia na prática: a necessidade de uma comunicação que fale com o povo e desde o povo, que não se acomode à estética das plataformas hegemônicas e que recuse o papel de mera transmissora de informação.

No segundo dia, na Gleba Mercedes, o tema da crise climática desceu do abstrato para o chão de terra batida. As falas de Daniel, Armandinho e tantas outras lideranças mostraram a concretude dos impactos da UHE Sinop e do modelo de desenvolvimento que a sustenta. A mudança no regime de chuvas, o calor insuportável, a perda da caça, a escassez de peixes, a burocracia sobre a água, as contas de luz abusivas, o desespero com o preço do leite, o medo de novas usinas. Ao mesmo tempo, a experiência do MAB em outras regiões, a construção do Corredor Ecológico e a Campanha Plantando Vidas apontaram caminhos: não basta denunciar, é preciso propor e implementar alternativas populares de energia, de reflorestamento e de cuidado com o território.

No terceiro dia, entre a horta circular do Reassentamento Beckhauser e o Terraço Gourmet em Sinop, o festival mostrou que cultura e produção de alimento são partes da mesma resposta. A unidade de PAIS irrigada com energia solar condensou, em poucos metros, a síntese de um projeto de transição agroecológica e energética que coloca tecnologia a serviço da autonomia das famílias. À tarde e à noite, a feira de economia solidária e o palco aberto ao público transformaram a cidade em ponto de encontro entre campo, periferia, povos indígenas, juventudes e artistas. A curadoria de apresentações, a presença de Pamela Winter na condução, o teatro do TEAF, bandas e músicos de diferentes gerações e estilos, a Batalhas do Conhecimento, as performances de artistas trans, a poesia, os artistas visuais e as bancas de cooperativas mostraram que a cultura é, ao mesmo tempo, trincheira e respiro. Um lugar onde a luta não é só denúncia, é também alegria organizada.

Alguns fios atravessaram todos esses momentos e ajudam a compreender o sentido profundo do festival. O primeiro é a centralidade dos territórios. Nada foi pensado a partir de abstrações. Cada açãopartiu da experiência concreta de quem vive à beira do lago da usina, de quem planta em solo cada vez mais seco, de quem vê a floresta recuar, de quem tenta sobreviver em cidades marcadas pelo agronegócio e pela desigualdade. O segundo fio é a aposta na organização coletiva. Em nenhum momento o festival romantizou a resistência individual. Ao contrário, mostrou que é a ação articulada entre movimentos, associações, cooperativas, povos indígenas, universidades e coletivos culturais que torna possível transformar indignação em força política.

O terceiro fio é a imagem da muvuca de sementes. Ela atravessa o manifesto, o plantio simbólico, o Corredor Ecológico e a própria forma como o festival foi construído. Em vez de uma semente única, uma diversidade de espécies lançadas juntas ao solo, cada uma com seu tempo, sua função e sua potência. Assim também se deu o encontro: movimentos com histórias diferentes, linguagens diversas, formações políticas distintas, mas com um horizonte comum. Se a monocultura produz lucro rápido e destruição duradoura, a muvuca produz complexidade, risco, experimentação e, principalmente, possibilidade de futuro.

Os desafios nomeados ao longo desses dias também precisam aparecer nesta conclusão. A violência do modelo energético e do agronegócio, a burocracia que impede o acesso dos pequenos produtores à água e ao crédito, o monopólio dos meios de comunicação, a criminalização dos movimentos sociais, o avanço de projetos de destruição como novas hidrelétricas e a expansão da fronteira do desmatamento foram apontados repetidas vezes. O festival não negou essas forças. Pelo contrário, buscou olhá-las de frente, com nitidez, sem ilusão de que bastará "se comunicar melhor" ou "plantar algumas árvores" para superá-las. A mensagem que fica é dura e amorosa ao mesmo tempo: ou mudamos o modo de produção e o projeto de sociedade, ou seguiremos administrando ruínas.

Ao mesmo tempo, o festival revelou potenciais que já estão em curso e que podem ser aprofundados. A metodologia construída ao longo desses dias é um desses legados: místicas que convocam para reflexão, dinâmicas que criam redes de confiança, escutas que dão centralidade à palavra de quem é diretamente atingido, usos criativos da arte como dispositivo de formação política, integração entre atividades internas e momentos abertos à cidade, articulação entre formação, ação simbólica e práticas concretas como plantios, hortas e sistemas de energia. Tudo isso compõe um repertório que pode inspirar outras experiências em Sinop, em Mato Grosso e em muitos outros territórios.

Em termos de desdobramentos, o Festival O Futuro se Faz em Luta deixa como tarefa a continuidade. Isso passa por fortalecer as articulações entre as organizações que estiveram presentes, apoiar processos de formação em comunicação popular a partir do acúmulo destes dias, seguir acompanhando e visibilizando as lutas da Gleba Mercedes e do Reassentamento Beckhauser, disputar recursos de fundos públicos e climáticos para projetos que nascem dos territórios, consolidar e expandir experiências como o Corredor Ecológico, as hortas circulares, os viveiros de mudas, as feiras de economia solidária e as iniciativas culturais de base. Passa também por seguir alimentando a rede de comunicadores e artistas que se dispõem a colocar sua linguagem a serviço de um projeto popular.

Por fim, estas memórias querem afirmar que o festival cumpriu aquilo que se propôs: ser semente e travessia. Semente, porque lançou no chão comum uma série de ideias, práticas e alianças que ainda vão germinar em tempos diferentes. Travessia, porque ajudou a levar o coletivo de um lugar a outro, da sensação de isolamento para a percepção de que fazemos parte de um campo amplo de resistências, que se reconhece e se fortalece quando se encontra.

O futuro não está garantido. Ele segue sendo um horizonte em disputa. Mas, depois de Sinop, podemos dizer com mais certeza que há gente demais disposta a fazê-lo em luta. Com pé na terra, com palavra que organiza, com cultura que aquece, com tecnologia na mão do povo, com muvuca de sementes, com cuidado, coragem e rebeldia. O que este festival inaugura não termina aqui. É convite e compromisso para seguir plantando, regando e defendendo, juntos, o chão onde queremos viver.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS

Brasil

ÁGUA E ENERGIA
NÃO SÃO MERCADORIAS

a proteja

